

ORELHA

Poesia, romance, filosofia. Este livro tem um pouco de cada.

O autor deseja que aceitemos esta história como um conto e não como sugestão de fenômenos espirituais, até mesmo por que ele próprio não é espiritualista. Como o Mestre DeRose muito bem colocou no Prefácio, este livro não tem a pretensão de relatar fatos reais ou percepções de outras existências. Ele preferiu rotular a obra como ficção, a fim de reduzir o atrito com o bom-senso, já que há coisas que não se podem explicar. No entanto, é no mínimo curioso considerarmos que o Mestre DeRose assim o tenha feito pelo seu proverbial cuidado em não estimular misticismo em seus leitores, mas que trate-se de lembranças de eventos verídicos, guardados no mais profundo do inconsciente coletivo.

MESTRE

DeROSE

EU ME LEMBRO . . .

PRIMEIRA UNIVERSIDADE DE YÔGA DO BRASIL
www.uni-yoga.org.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**ELABORADO PELO AUTOR**

De Rose, L.S.A., 1944 -

Eu me lembro... / De Rose. - São Paulo :

Editora União Nacional de Yôga ; Primeira Universidade de Yôga do Brasil, 1995.

Inclui bibliografia.

1. Yôga 2. De Rose 3. Corpo e mente - Terapias 4. Ciências ocultas 5. Yôga na literatura 6. Mestres de Yôga. I. Título

CDD- 181.45

ISBN

MESTRE

DeROSE

EU ME LEMBRO . . .

PRIMEIRA **UNIVERSIDADE DE YÔGA DO BRASIL**
www.uni-yoga.org.br

São Paulo: Al. Jaú, 2000 - Tel.(11) 3081-
9821

Rio de Janeiro: Rua Dias Ferreira, 259 cobertura - Tel. (21)
2259-8243

Endereços nas demais cidades encontram-se no final do livro.

© Copyright 1999:

Mestre De Rose, L.S.A.

1ª edição em papel, 2.001.

Projeto editorial, criação da capa, digitação, diagramação:

Mestre De Rose, L.S.A.

Execução da capa:

ERJ

Produção gráfica:

**Editora Uni-Yôga,
órgão de divulgação cultural da
Primeira Universidade de Yôga do Brasil,
divisão da
UNIÃO INTERNACIONAL DE YÔGA
www.uni-yoga.org.br**

Al. Jaú, 2.000 – São Paulo – Brasil – Tel.:(011) 881-9821

Filial: Rio de Janeiro – Av. Copacabana, 583/306 – Tel. 255-4243.

Permitem-se as citações de trechos deste livro em outros livros e órgãos de Imprensa, desde que mencionem a fonte e que tenham a autorização expressa do autor.

Proíbe-se qualquer outra utilização, cópia ou reprodução do texto, ilustrações e/ou da obra em geral ou em parte, por qualquer meio ou sistema, sem o consentimento prévio do autor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Introdução I - Eu me lembro...

Introdução II - Não me lembro

MEU POVO

As manhãs da minha infância

O entardecer

O pôr-do-sol

A religião

As reuniões em torno do fogo

A cozinha da nossa casa

Nossos alimentos

Meu pai

O sexo

As repreensões

As brigas

O filho pertence à mãe

Os casamentos

Ciúme?

As “infidelidades”

Os descasamentos

Os recasamentos

Os invasores

A partida

A grande jornada

Outros povoados

O fim do mundo

A hora de constituir família

Minha mulher

Nasce o primeiro rebento

O MESTRE

O Velho Sábio

Os Mestres também ficam doentes

O impulso de abandonar tudo

O que perdem os celibatários

A casa do Mestre

Aprendendo a ler

Quando eu chegava em casa ao entardecer

Aprendendo a escrever

O fabrico do instrumento de escrita
O fabrico do papel
A primeira crise de desânimo
O momento da maturidade
Quem sou? De onde vim? Para onde vou?
Os poderes do Mestre
O despertar dos poderes em nós
A Herança do Mestre

EU ME LEMBRO...

*À História, prefiro a Mitologia.
A História parte da verdade e ruma em direção à mentira.
A Mitologia parte da mentira e se aproxima da verdade.
Jean Cocteau.*

Eu me lembro... e em seguida deslembro. Desde pequeno recordo-me de sonhos, de imagens do inconsciente, de símbolos da minha mente.

Não quero saber o que são essas lembranças. Não quero saber, porque todas as vezes em que interrompi o livre fluxo das recordações para questioná-las com a causticidade da lógica, elas foram podadas e não prosseguiram. E algumas eram tão doces! Como pude interromper lembranças tão ternas com a lâmina fria do intelecto? Só para me vangloriar comigo mesmo: “sou racional”?

Que vantagem há em ser racional? Se o onírico é tão rico e tão belo? Portanto, não me pergunte que lembranças são estas. Não quero saber. Quero que fluam. E que continuem sempre, simplesmente, fluindo. Quero sorrir com elas. Quero verter lágrimas de emoção com elas. Quero compartilhar com você essas emoções. Venha comigo, viajar pelo passado, ou pelo futuro, ou por alguma dimensão subjetiva, na qual poderemos nos esquecer do mundo como ele é hoje, e da objetividade do concreto e do ângulo reto. Venha. Vamos viajar pelas minhas memórias. Quem sabe se, lendo estas recordações, você não se recordará também?

NÃO ME LEMBRO

Não me lembro dos nomes, nem do meu, nem dos de meus pais, nem do nome de ninguém. Não me lembro dos funerais, embora me lembre muito bem das mortes que presenciei. Não me lembro da língua que falávamos. Quando me recordo é sem idioma. Preciso traduzir a pura lembrança para a língua que falo hoje. Não me lembro do nome do nosso povo, nem da localização da nossa aldeia. Só me lembro de que a região era plana e de que havia muita vegetação verdejante na parte mais próxima de onde vivíamos.

AS MANHÃS DA MINHA INFÂNCIA

Lembro-me de uma linda manhã de sol, em que os campos floridos ondulavam com a brisa fresca. Eu devia ter uns quatro anos de idade e minha mãe me ensinava como caminhar na trilha de terra evitando pisar sobre as folhas secas para não ferir alguma serpente que estivesse dormindo e não percebesse nossa aproximação, dizia ela. Segundo minha mãe, a serpente não era má e não me morderia por mal e sim por medo de mim, que era um animal muito maior do que ela.

Mamãe me ensinava também a perceber o ruído particular que cada animal, ave ou inseto fazia ao se deslocar ou ao espreitar. De fato, depois que passei a prestar atenção, podia perfeitamente separar o ruído do vento na vegetação, do chamado de um inseto quase imperceptível, e do leve bater de asas de uma ave de rapina planando baixo para caçar um roedor desavisado. Um dia ela me disse:

– Shhh! Ouça.

Mas não ouvi nada. Então, ela apontou com o dedo médio, como era costume entre nosso povo. Olhei e nada vi. Mas comecei a perceber um leve ruído como se fosse uma lixa passando de leve sobre o chão arenoso.

– Não se mova para não assustá-la!

Em poucos instantes, vimos uma majestosa naja amarronzada de uns dois metros de comprimento saindo de trás do capinzal. Por tudo o que minha mãe me ensinou, posso dizer que lhe devo a vida várias vezes.

Passávamos a manhã inteira brincando de furar o solo de terra fofa com o dedo polegar e jogando dentro do orifício umas sementinhas. Depois, passávamos algumas semanas brincando de colocar água e esterco de vaca em torno de cada local plantado. Também devíamos conversar e rir bastante ali por perto. Mamãe dizia que se a sementinha ouvisse nossa conversa e nossos risos ela iria pôr a cabecinha de fora para ver o que se passava. Então, ficávamos dias a fio conversando e contando casos engraçados, esperando ansiosamente que a semente pusesse a cabeça para fora da terra.

Minha mãe tinha razão. Dali a alguns dias, vi, com uma alegria impossível de descrever, o primeiro broto saindo para o sol. E depois outro, e outro.

– Agora – disse-me ela – devemos mostrar às plantinhas que o mundo aqui fora vale a pena. Vamos ficar sempre felizes uns com os outros que é para as plantinhas não voltarem lá para dentro. Também devemos cuidar delas porque, coitadinhas, não podem se deslocar como nós para ir beber água quando tiverem sede, nem para fugir quando alguém for pisar nelas.

Colocamos proteções de bambu à sua volta e todas as manhãs lhes dávamos água, porque era verão e o calor estava muito forte. Havia uns dias em que precisávamos protegê-las do sol e cobríamos uma grande área com um tecido quase transparente e já meio velho, mas que era mantido imaculadamente limpo. Nunca perguntei por que esse tecido era

lavado, se ia ficar exposto ao sol e ao vento que, às vezes, levantava nuvens de poeira avermelhada. Mas, incansavelmente, as mulheres da aldeia, lavavam os metros e metros de tecido, sempre cantando e dando risadas das coisas mais simples.

Certa vez foi por causa de uma rã que saltou para dentro da cesta de vime. Uma das mulheres comentou que a rã estava querendo acasalar e, por esse motivo absolutamente ingênuo, as mulheres deixaram-se rir até o entardecer.

O ENTARDECER

Se pela manhã o divertimento era plantar e regar, à tarde íamos à fonte buscar água fresca que levávamos para casa em pesados tonéis de madeira os quais, felizmente, eram transportados rolando sobre suas laterais que funcionavam como rodas e eram puxados por meio de uma alça entalhada de cada lado. Como toda criança, eu cobria minha mãe de perguntas e queria saber por que não utilizávamos as búfalas para a tração do tonel. Minha mãe explicava que não era tão grande nem tão pesado quanto me parecia a mim que era pequeno, e que os animais tinham outras funções mais importantes.

Chegando em casa, a água era transferida para a cisterna, apoiando-se o tonel numa reentrância escavada no arenito especialmente para esse fim, de forma a encaixar a abertura numa posição baixa, capaz de deixar escoar quase toda a água quando retirávamos a tampa de resina. Depois, era só dar mais um sacolejão com o tonel já bem mais leve, e o restante do líquido escorria para fora.

Algo que sempre me impressionou era a engenharia do fornecimento de água da nossa casa. Na cidade, dispunham de canais que conduziam pequenas quantidades de água, suficientes, porém, para as necessidades de todos. Nós vivíamos fora da cidade e precisávamos nos prevenir, pois contáva-

mos só conosco. A cisterna foi escavada no arenito, mais macio do que a rocha, mas suficientemente resistente para sustentar o precioso elemento. As paredes internas eram revestidas de uma seiva retirada das árvores próximas a qual, depois de seca, ficava impermeável e aromatizava a água. O reservatório me parecia enorme e precisávamos de muitas viagens diárias para enchê-lo e mantê-lo assim durante todo o período em que a nascente fornecia água. Depois vinha a estiagem e passávamos meses sem chuva, utilizando somente o que tivéssemos conseguido estocar. Cada casa possuía a sua cisterna, umas maiores, outras menores. Algumas eram beneficiadas pela topografia do terreno, como era o caso da nossa.

O caminho conduzia até a abertura superior. Pelo outro lado, havia uma abertura em baixo com um engenhoso sistema de regulação que só permitia a saída do suficiente para manter cheia uma cuba de pedra onde íamos buscar as quantidades necessárias para lavar-nos ou para beber e cozinhar.

Algumas vezes ocorriam vazamentos e faltava suprimento de água para alguma das famílias da aldeia. Então os vizinhos se cotizavam e cada um dividia sua água na medida do possível. Sempre deu para todos.

Como as funções eram alternadas, quando não precisávamos buscar água, íamos trazer as cabras e os búfalos para guardá-los perto da choupana.

O PÔR-DO-SOL

Quando o sol se punha, todos parávamos o que estivéssemos fazendo e ficávamos em pequenos agrupamentos observando o crepúsculo. As famílias se reuniam, as crianças se encarpitavam nos ombros dos mais velhos ou no colo dos pais. Os casais se acolhiam e acariciavam.

Essa era a hora de fazer as pazes, se alguém ainda estava ressentido com alguma coisa; era também a hora de recitar poesias, quase sempre compostas de improviso, ali mesmo. Sempre foi muito fácil para o nosso povo compor poemas de amor, ao pôr-do-sol, pois os rostos ficavam docemente iluminados pelo alaranjado do sol poente.

Não tínhamos noção do que era aquele disco luminoso no céu, mas sabíamos que era lindo e que devíamos a ele a nossa vida, a luz que nos iluminava, o calor que nos aquecia no inverno. Não imaginávamos que fosse alguma divindade e sim um fenômeno natural como o raio, o trovão ou a chuva, e o reverenciávamos com um grande respeito e afeto.

A RELIGIÃO

Mercadores e outros viajantes vindos de terras distantes, passando pela nossa região, comentavam que éramos um povo estranho por nossa forma de ser e, mais ainda, pela nossa religião. Eu não achava nosso povo nada estranho. Estranhos eram os outros, que tinham o semblante contraído, carregavam pesados símbolos religiosos e eram obrigados a fazer rituais e oferendas a deuses que eles nunca haviam visto, mas juravam que existiam.

Eles achavam curioso que não tivéssemos templos e que reverenciássemos as forças da natureza. A estas, não as chamávamos de deuses. Simplesmente prestávamos reverência ao sol, que nos iluminava e aquecia; às árvores, que nos proporcionavam alimento, sombra e madeira para construir nossas casas; aos rios, que possibilitavam a vida de todos os vegetais e animais. Não precisávamos de símbolos para adorá-los, pois a Natureza estava à nossa volta. Se queríamos reverenciar o sol, não precisávamos de um símbolo solar, bastava voltarmos para ele, que estava ali todos os dias. À noite, a lua e o céu estrelado eram por si só um magnífico templo abobadado sobre as nossas cabeças, a influenciar nossas colheitas, a gestação de nossas mulheres e o comportamento de todos, até dos animais.

Nós podíamos ver aqueles que cultuávamos. Isso tornava nossa reverência muito mais concreta. Quando semeávamos, agradecíamos à terra. Quando colhíamos, agradecíamos à planta que nos cedia o alimento. Quando nos banhávamos nos rios ou quando bebíamos a água das fontes, agradecíamos por ela estar ali para purificar-nos o corpo e nos saciar a sede. Por isso, não precisávamos de sacerdotes, nem de rituais.

Observamos várias vezes entre forasteiros que, quando algum deles caía doente ou sofria um acidente ou qualquer outra ocorrência infeliz, quase sempre eles atribuíam a desventura à ira dos deuses ou outros seres sobrenaturais por alguma falta cometida. Entre nosso povo, ao contrário, quando alguém ficava enfermo, feria-se ou morria, aceitávamos, simplesmente, que essas coisas acontecem. Estávamos testemunhando isso ocorrer o tempo todo com os animais e com as plantas, que também adoeciam, sofriam acidentes e morriam, naturalmente. E procurávamos tirar da experiência algum aprendizado para evitar, na medida do possível, que o fato desditoso se repetisse. Éramos muito mais felizes que os estrangeiros, uma vez que não nutríamos medos nem culpas.

AS REUNIÕES EM TORNO DO FOGO

Depois de nos lavarmos e de fazermos nossa última refeição do dia, os adultos mais jovens traziam lenha e acendiam uma fogueira no centro da aldeia. Os mais velhos sentavam-se junto ao fogo e contavam casos de sua juventude, ensinavam coisas que lhes vinham à mente, elogiavam alguma atitude construtiva que tivessem notado durante aquele dia, teciam planos para as atividades do dia seguinte. Quase sempre essas reuniões eram muito alegres. Frequentemente alguém tinha uma estória engraçada para contar e ficávamos todos rindo até tarde.

A reunião em torno do fogo também era utilizada para que as famílias consultassem os que entendiam mais de um determinado assunto. Sentavam-se juntos e trocavam informações, no mesmo clima de descontração.

As crianças eram as primeiras a cair dormindo. Pouco a pouco, todos iam se retirando, até que só ficavam os que constituíam o Conselho dos Anciãos. Aí começava uma assembléia informal para deliberar as medidas sobre proteção, plantio, urbanização. Quem quisesse poderia ficar acordado até mais tarde e assistir como as decisões eram tomadas, mas a maioria preferia ir descansar e confiava na competência dos idosos. Afinal, quem já tinha vivido 40 ou 50 anos forçosamente tinha que ter acumulado muito

forçosamente tinha que ter acumulado muito conhecimento e experiência de vida.

Certa vez, as monções vieram mais fortes do que se esperava e ocorreram inundações. Graças ao Conselho dos Anciãos, as casas da maior parte da população haviam sido erigidas nas partes altas. Contudo, havia um certo número de habitantes que não quiseram dar crédito à experiência dos Anciãos e, desprezando seus conselhos, construíram suas casas numa área aparentemente mais aprazível. Naturalmente, essas habitações foram cobertas pelas águas. Contudo, não chegou a constituir nenhuma tragédia. Esses aldeões menos previdentes levaram uma bela lição moderadora do orgulho ao perder suas casas e tudo o que possuíam, mas foram salvos e abrigados pelos vizinhos mais bem situados. Durante algum tempo, as recomendações dos Anciãos foram mais respeitadas por aqueles irreverentes. Depois, vários deles esqueceram-se do ocorrido e voltaram a achar que podiam desacatar a voz da experiência.

A COZINHA DA NOSSA CASA

Lembro-me da cozinha, o lugar mais aconchegante da casa. O que eu mais gostava era da proximidade com o fogo e do cheiro bom da comida. Quando era menor, um dia quis tocar no fogo e minha mãe me ajudou nessa aventura. Ela me disse:

– O fogo é muito tímido e quando você tenta segurá-lo ele foge. Mas também é nervoso como o corvo. Se você segura um corvo pelo pé, ele lhe dá uma bicada. O fogo também faz isso. Então, você não pode ficar muito tempo com a sua mão tentando segurá-lo. Você tem que tentar pegar e tirar a mão depressa.

E assim, aprendi a tocar o fogo sem me queimar.

NOSSOS ALIMENTOS

Comíamos muitos cereais, raízes, frutas e hortaliças, ovos, leite, coalhada, queijo e manteiga. Algumas tribos do noroeste alimentavam-se também de peixes, mas na nossa região considerávamos primitivismo agarrar um animal, ave ou peixe, matá-lo brutalmente e devorá-lo como fazem os mais selvagens predadores.

Nós nos afeiçoávamos às cabras e búfalos, mas não conseguíamos sentir afeição pelos tigres que matavam e dilaceravam nossos animais e parentes. A maior parte das famílias já havia perdido pelo menos um ente querido morto por algum animal carnívoro. Não podíamos descer ao mesmo nível animalesco dessas feras.

Como observávamos muito a natureza à nossa volta, percebíamos que os animais vegetarianos eram amistosos e podiam ser amansados a ponto de trabalhar conosco; e os deixávamos dormir ao nosso lado sem perigo de sermos atacados por eles no meio da noite. Nenhum animal carnívoro pôde ser domesticado para trabalhar para nós, para ser montado ou para puxar uma carroça. Somente o cão se afeiçoou ao homem e, mesmo assim, não nos dava leite nem puxava nossos arados e só servia para a guarda, muitas vezes representando perigo para nossos vizinhos.

Notamos também diferenças entre as tribos, que podiam ser atribuídas aos hábitos alimentares. O corpo dos que não abatiam animais para se alimentar de suas carnes mortas era mais saudável, a pele bonita e macia, o semblante apaziguado e amistoso. Os do noroeste, além de serem fisicamente mais rudes, quando algo os desagradava aceitavam tranqüilamente sangrar o desafeto, pois estavam habituados a derramar sangue dos animais.

Nossas comidas também eram mais saborosas e aromáticas. Certa vez provamos da comida feita por um clã nômade que nos visitara. Às carnes, é claro, tivemos repulsa e não admitimos colocá-las na boca, até por uma questão de higiene. Mas alguns vegetais que as acompanhavam, aceitamos. Não tinham gosto de nada. Era como se eles achassem que comida era a carne, e que esta não precisava de temperos. O resto não merecia nenhum cuidado especial. Quando lhes oferecemos nossos vegetais preparados em fornos, com leite e manteiga, condimentados com ervas e sementes aromáticas, largaram de lado a deles e preferiram a nossa comida. Também nos pareceu que não conheciam a arte de fazer pão, pois, sendo nômades, não plantavam os cereais e, assim, davam preferência à caça e à pesca.

Tínhamos vários tipos de pão, cada qual com uma seleção de grãos e ervas, e com um formato diferente. Porém, era sempre pesado e duro. Quando perguntei à minha mãe se não podia ser mais macio, ela riu, fez uma careta e não me respondeu. Fiz-lhe outra careta e continuei mastigando meu pedaço de pão. Mais tarde, descobri que podia deixá-lo um pouco no leite e conseguia a maciez desejada.

Uma iguaria que preparávamos era uma combinação de grãos, deixados de molho em água e ervas aromáticas durante a noite. No verão, comíamos esse prato cru, acompanhado de coalhada. No inverno, o cozinhávamos e nos servíamos dele ainda fumegando.

Nossa família tinha um carinho especial por um arbusto que dava umas sementes redondas, escuras e brilhantes, que eram moídas e guardadas para serem adicionadas a algumas receitas. Além de perfumar o alimento e enriquecer o sabor, dizia-se que tinha a propriedade de aumentar a energia para o trabalho e evitar doenças.

MEU PAI

Lembro-me do meu pai. Era um homem simples, mas, como toda a gente da aldeia, vivia feliz. Devia ter uns trinta anos de idade e já estava bem consumido pelo trabalho na lavoura, pelo sol inclemente e por alguns acidentes. Havia perdido um dedo cortando lenha. Por sorte, a ferramenta era de cobre e partiu-se antes de decepar os outros dedos. Mancava um pouco por ter sido mordido no pé por um bicho peçonhento que ele não chegou a ver. Só sentiu a dor da picada e ficou dias de cama com febre. Quando se recuperou, seu pé estava endurecido como uma pedra e havia perdido o tato. Contudo, os dentes fortes constituíam seu orgulho. Gostava de sorrir por qualquer razão, pois era pretexto para mostrar que não havia perdido nenhum dente, coisa rara naquela idade avançada. Os únicos que passavam muito dessa idade eram os sábios que viviam e se alimentavam de outra forma e jamais executavam trabalhos braçais sob o sol e a chuva, nem estavam sujeitos aos ataques dos animais selvagens. Certa vez, conheci um sábio ancião com suas longas barbas brancas, símbolo da sabedoria que lhe permitira atingir tão dilatada longevidade. Acho que tinha o dobro da idade do meu pai.

Nunca vi meu pai zangado com coisa alguma. A única vez em que ele começou a ficar mais sério por causa de uma disputa com um vizinho sobre a propriedade de umas frutas,

minha mãe colocou a cabeça dele em seus seios, acariciou seus longos cabelos muito negros e disse-lhe:

– A árvore está plantada fora do nosso terreno e fora do dele. Você plantou a árvore quando nosso primeiro filho nasceu. Mas quando ele faleceu, você não cuidou mais dela. O vizinho cuidou da árvore a partir de então e acha que tem direito sobre ela. Nós temos sido muito amigos desde que nos conhecemos, e ele nos ajudou e nós o ajudamos muitas vezes. As frutas que caem da árvore não podem ser motivo de conflito. Percebi que ele aprecia nossas flores. Amanhã vou me oferecer para plantar umas mudas no terreno dele e vocês fazem as pazes.

Meu pai começou a sorrir e beijar o colo da minha mãe. Logo estavam se amando como duas crianças. É que no lugar onde passei minha infância, os adultos não escondiam dos filhos os seus atos de amor. Por outro lado, meninos e meninas brincavam livremente e faziam suas descobertas sob o olhar benevolente e carinhoso dos mais velhos. Eles não viam nenhum mal nisso. Nossa civilização era alicerçada na liberdade e achávamos que todas as experiências prazerosas deveriam ser saudáveis, e nós as cultivávamos. As dolorosas deveriam ser prejudiciais e nós as evitávamos. Nós e todos os animais à nossa volta tínhamos a mesma opinião.

O SEXO

Por isso, o sexo nunca foi interpretado em nossa cultura como algo que devesse ser restringido ou praticado às escondidas. Dessa forma, nós aprendíamos a colher as benesses da sexualidade observando nossos parentes, nossos amigos e nossos vizinhos em seus folguedos. Como estávamos o tempo todo rindo e brincando, o sexo não chamava muito a atenção de ninguém. Era apenas mais uma forma de rir e brincar.

Justamente pela liberdade reinante, ninguém era muito fixado nesse tema. Também não era necessário que nossos pais nos explicassem nada a respeito. Bastava observar. Apenas um detalhe ou outro de etiqueta era aprimorado pelo aconselhamento dos mais velhos.

Assim, lembro-me de uma experiência da minha puberdade, transcorrida no início do verão, quando, na nossa região, os animais acasalavam-se e os jovens ficavam mais exuberantes. Eu estava à beira do rio, observando o movimento gracioso dos peixinhos a nadar próximos à margem. A ondulação das águas refletindo os raios do sol, tremeluzentes, capturava minha atenção. Olhando um trecho de águas mais plácidas, notei o reflexo de um casal bem próximo de mim. Erguendo os olhos notei que eram pessoas mais velhas. Deviam ter já uns quinze anos. Estavam sentados frente a fren-

te, mirando-se olhos nos olhos, enamoradamente. O olhar deles era tão doce, a fisionomia de felicidade era totalmente envolvente. Por vezes um dos dois passava as mãos pelo rosto ou pelos cabelos do parceiro. Assim ficaram por longo tempo e eu me envolvi naquela cena, quase como se fizesse parte do enredo.

Num dado momento a menina ergueu os quadris, ficando de joelhos e deixou sua túnica escorregar pelos seios e descer cintura abaixo, até a relva. Estavam tão perto que cheguei a sentir o perfume da terra, levemente levantado pelo deslocamento de ar do tecido tocando o solo. O jovem despiu-se da mesma forma, abraçou-a pela cintura e recostou ternamente o rosto no seu ventre com os olhos semicerrados.

Nesse momento, a menina, movendo o rosto para o lado, me viu. Olhou-me longamente nos olhos e sorriu para mim. Retribuí o sorriso. Ela tocou o rosto do rapaz e apontou na minha direção. Ele sorriu também. Acenaram para que eu me aproximasse. Cheguei mais perto e pude sentir um perfume novo para mim. Era a fragrância dos seus corpos, emanando fluidos corporais de desejo. Não me perguntaram nada, nem meu nome, nem minha idade. Simplesmente me abraçaram e acariciaram minha cabeça. Ficamos assim a tarde toda, deitando-nos às vezes, sentando-nos, brincando com as mãos, rolando na grama, fazendo caretas, dando risadas.

Num dado momento, acho que os hormônios dos dois jovens chegaram a um nível que requeria outro tipo de carícias. Ela montou sobre ele, olhou-o com profundidade, inclinou-se e tocou com os seios em seu peito que começava a arfar. Tocou com seus lábios a boca do rapaz e ambos deram início à mais bela cena de amor e arte da qual posso me re-

cordar. Os movimentos dos seus corpos eram de uma fluidez e ritmo que me fizeram recordar as ondulações das águas do rio, movimentos suaves, mas, ao mesmo tempo, poderosos. Ela emitia uns gemidinhos tão doces que ainda ecoam em minha memória e me encantam a alma.

Eu estava estirado no chão, sentindo a umidade na barriga, cotovelos apoiados na terra, sustentando o rosto com ambas as mãos, olhar mesmerizado, participando emocionalmente de tudo o que se desenrolava. Queria que aquela cena jamais terminasse. Mas ela terminou, algumas horas depois. Novamente, eles se voltaram para mim e me puxaram para o seu colo, onde ficaram mais um tempão me embalando como se eu fora um filhote. Depois, despediram-se de mim e foram embora. A essa altura já estava entardecendo e achei que também devia ir para casa.

Lá chegando, relatei o ocorrido aos meus pais. Todos nós, crianças, já havíamos presenciado muitos joguetes sexuais, mas desta vez fora diferente. Eu havia participado! Meus pais escutaram com atenção e, quando terminei o relato, minha mãe tirou uma flor de seus cabelos, que havia sido posta lá pelo meu pai, e a depositou em minhas mãos. Meu pai me disse:

– Foi uma experiência muito bonita, filho. Espero que você tenha bastantes vivências como essa em sua vida. Abençoados sejam os jovens que lhe proporcionaram esse aprendizado.

Até hoje, sempre que eu me lembro daqueles momentos, ainda fico impressionado com a aura de pureza e total ausência de malícia que envolvia praticamente a todos em nossa aldeia.

AS REPREENSÕES

Quando nós, crianças, fazíamos algo que não devíamos, meus pais e todos os mais velhos costumavam abraçar-nos de uma maneira peculiar e ficavam quietinhos nos embalando. Com isso, já sabíamos que havíamos feito algo que havia entristecido alguém. Aí, abraçávamos forte em retribuição, e isso significava que estávamos arrependidos pela nossa atitude. Quando a tristeza passava, começávamos a arrulhar e esfregar carinhosamente o rosto sobre o cabelo, ou sobre o peito do outro, e isso significava que a mágoa havia terminado. Essa era nossa maneira de admoestar as crianças e era também assim que os adultos manifestavam suas rugas conjugais. Não era costume entre nós contender verbalmente, acusar, ou esperar que o outro aceitasse sua “culpa” e se desculpasse, enfim, todas aquelas complexidades do relacionamento humano tão comuns noutras culturas.

AS BRIGAS

O fato de sermos descontraídos e amorosos não significa que disputas não existissem entre nós. Havia contendas, como em qualquer comunidade. Mas eram raras. Lembro-me de uma vez que um lenhador ficou transtornado por causa de um incidente que custara a vida da sua mulher, e dali para a frente agia como um louco, agredindo tudo e todo o mundo. As pessoas tinham paciência com ele e simplesmente perdoavam suas atitudes por compreender que estava doente do espírito. Até que um dia ele feriu alguém e o Conselho dos Anciãos decidiu bani-lo da aldeia. Ele só poderia retornar quando fizesse algo que compensasse a comunidade pelo mal que perpetrara. Muitos anos depois ele voltou com um pequeno rebanho de búfalos. Apresentou-se ao Conselho de Anciãos e ofertou o rebanho ao homem que havia ferido anos antes. Foi perdoado e teve consentimento para seguir vivendo entre nós. Interessante, não me lembro do seu rosto.

O FILHO PERTENCE À MÃE

Quando a criança nasce, sai do corpo da mãe. Nos primeiros meses é alimentado pelo leite da mãe. Por isso, sempre aceitamos que o filho pertença à mulher. O marido era seu parceiro, protetor, amante e devoto. Conseqüentemente, o nome herdado pelos filhos era o da mãe, e a herança das propriedades se passava de mãe para filha. A choupana pertencia a ela, pois nossa civilização não concebia que, no caso de uma separação conjugal, a mulher tivesse que ir com os filhos para o relento enquanto o homem ficasse sozinho com a casa. Quando raramente ocorria alguma separação, era comum que o ex-marido construísse sua nova casa dentro do terreno da anterior, para poder continuar dando assistência e carinho aos filhos. Se ele estabelecesse outra ligação conjugal, a nova esposa era acolhida pela anterior como parte da família. O mesmo ocorria quando a ex-esposa se casava novamente.

OS CASAMENTOS

As pessoas casavam-se ou descasavam-se quando assim entendiam. Não havia limite de matrimônios, nem controle da comunidade sobre a vida privada dos indivíduos. As cerimônias de casamento não eram oficiadas por nenhum sacerdote, nem por autoridade alguma. Os casais decidiam por sua livre iniciativa se queriam casar-se ou separar-se e organizavam suas celebrações com o auxílio da família e dos amigos. Toda a aldeia estava implicitamente convidada e quase todos costumavam festejar.

Os casamentos costumavam ser bem estáveis e monogâmicos. Não obstante, por vezes, ocorria de o homem ou a mulher contrair núpcias com mais de uma pessoa por vez. Era mais comum a mulher ter dois ou três maridos devido ao poder econômico estar centralizado nela. Por isso, era mais comum vermos uma jovem brincando com dois rapazes do que o contrário.

CIÚME?

Na nossa aldeia praticamente não havia esse sentimento. Ele ocorria mais freqüentemente na infância, quando uma criança queria brincar com o objeto que pertencia a uma outra e esta, instintivamente, não deixava. Contudo, se os pais ou amigos mais velhos observavam o fato, procuravam conversar com os menores, explicando que nós sobrevivíamos melhor que os demais bichos porque compartilhávamos, enquanto que os outros animais competiam entre si.

Se, quando crianças, disputassem por um brinquedo, quando adultos poderiam ferir-se ou matar-se numa contenda e toda a aldeia seria prejudicada com isso. Então, os pequenos eram educados para repartir e para atenuar o sentimento de posse. Assim, se um estava comendo e outro menino se aproximava, automaticamente, o primeiro estendia-lhe a mão, oferecendo parte do que comia. Faziam o mesmo com os brinquedos. Dessa forma, mais tarde, quando estivessem maiores, agiriam da mesma forma desapegada com as suas relações afetivas.

Eventualmente, algum adulto manifestava ciúme da sua parceira ou do seu parceiro por qualquer motivo. Invariavelmente, todos quantos presenciavam a cena reeducavam-no imediatamente, rindo-se dele, caçoando amistosamente e dizendo-lhe que estava agindo como as crianças pequenas, a-

inda não educadas, que temiam que o amigo lhes tomasse o brinquedo. Às vezes o enciumado se emburrava um pouco, mas acabava sorrindo e desculpava-se pelo papelão.

Como conseqüência, os ciúme constituíam uma exceção nos relacionamentos e não eram bem vistos. Uma pessoa sistematicamente ciumenta era tida pela comunidade como mal educada e imatura. Era como se não tivesse sido educada na infância ou amadurecido o suficiente para enfrentar a vida adulta. Tal pessoa costumava ficar solteira, pois ninguém queria se envolver com ela e submeter-se a uma existência de restrições e de tensões conjugais.

Não havendo o sentimento exagerado de posse, e reinando um incentivo para compartilhar tudo, era normal que, quando alguém se separasse, ou se casasse de novo, essas circunstâncias não causassem estremecimentos nem rompimentos.

AS “INFIDELIDADES”

Na ausência do sentimento de posse ou de ciúme, tampouco poderia haver o conceito de infidelidade. Até porque, sob tal clima de liberdade e com o culto à sensorialidade que se verificava em nossa cultura, mesmo os casamentos mais estáveis e monogâmicos admitiam experiências extraconjugais como procedimentos muito naturais. Afinal, a maior parte dos mamíferos dava-nos seu exemplo.

Certa vez, eu estava brincando com as demais crianças na casa do nosso vizinho quando vimos a chegada do marido. Não havíamos percebido, mas a mulher estava tendo uma experiência com outro homem. Ao abrir a porta, o marido surpreendeu-se por um instante. Desculpou-se pela intrusão e já ia retirar-se quando a esposa o chamou para dentro. Deu-lhe um longo abraço, depois segurou-lhe a mão com ternura e puxou-o para sentar-se, mostrando-lhe que ele não era indesejável naquele momento. Sentaram-se os três e conversaram longamente. Depois, prepararam a comida e jantaram civilizadamente. Sob minha ótica infantil, pareceu-me que a esposa passou a tratar o marido com mais carinho a partir daquela data. Quanto ao outro, nunca mais o vimos.

OS DESCASAMENTOS

Nosso povo festejava os casamentos e os descasamentos. Não havia motivo para mágoas quando terminava um matrimônio. Tínhamos bem incorporada a noção de que a pessoa que compartilhou conosco a nossa casa e o nosso leito, uma vez descasada, tornava-se nossa irmã.

Se não havia mais interesse de prosseguir juntos por incompatibilidade de gênios ou qualquer outra razão, ambos procuravam compreender o outro e desfaziam os laços conjugais. Mas como isso não representaria um rompimento nem um afastamento maior, não era causa de nenhum trauma, nem tristeza, nem agressividade.

Para prestar uma satisfação aos amigos e consangüíneos, organizava-se um outro tipo de festa, cujo objetivo maior era o de abraçar longamente cada um dos desnubentes, para que ele sentisse que não estava só e que toda a comunidade estava ali para ampará-lo e para preencher seus momentos de solidão. Era comum que os amigos, de ambos os sexos, se revezassem para fazer companhia e dormir com cada um dos descasados nos meses que se seguiam à separação.

Não havendo sentimento de posse e com a possibilidade de o ex-marido continuar residindo nas proximidades da ex-mulher e filhos, as separações conjugais causavam muito pouco desgaste. O fato de o poder econômico estar centrali-

zado na mulher também facilitava as coisas, pois não havia partilha de patrimônio. Pertenciam ao homem suas ferramentas, armas e roupas. O restante era da mulher.

OS RECASAMENTOS

Os recasamentos eram muito pitorescos, pois o cônjuge ou cônjuges anteriores compareciam assumidamente como parentes mais próximos e abençoavam cada nova união.

Os filhos de todos os casamentos eram irmãos de primeiro grau, com direitos iguais na hierarquia familiar, e o pai de uma criança era considerado pai de todas. Assim, em caso de separação, cada filho não perdia o pai, mas, ao contrário, ganhava mais um. Os vários pais, por sua vez, assumiam prazerosamente suas responsabilidades para com toda a criança. Como a mortalidade infantil era grande, como em todas as demais nações, as famílias tendiam a ser numerosas. Uma matrona de seus trinta anos de idade freqüentemente já havia dado à luz uns dez a doze filhos. Desses, mais da metade viria a falecer antes de acasalar, o que ocorria por volta dos dezesseis.

OS INVASORES

Eu já era adulto, com uns quinze anos de idade, quando ocorreu um grande alvoroço na aldeia. Chegavam milhares de pessoas que se deslocavam a pé, a passo rápido. Encontravam-se maltrapilhos e não traziam quase pertences. Notava-se que estavam exaustos, contudo, uma força interior mantinha-os em marcha acelerada.

Eram refugiados da nossa etnia, provenientes do norte, relatando os horrores de uma invasão sangrenta que estava acontecendo em suas terras. Os mais velhos comentavam que havia séculos não ocorria nada assim e que os invasores estavam se aproveitando da decadência das nossas cidades-estado, causada pela seca. Após o grande terremoto que assolou nossa região, o curso dos rios mudou e alguns deles secaram, levando a fome e a devastação a várias cidades.

Os mensageiros que precederam os invasores, com o objetivo de reduzir a resistência, espalharam a notícia de que não seria uma invasão e sim uma ocupação pacífica. Conseguiram convencer muitas cidades disso, e elas se entregaram sem resistir. Porém, quando os invasores chegaram, demonstraram sua verdadeira intenção. Tomaram as casas, expulsaram os aldeões das suas terras, estupraram suas filhas e matavam a quem reclamasse.

Os invasores eram criaturas enormes, muito brancas e muito feias, vestidas de peles de animais. Tinham cabelos cor de trigo ou cor de fogo, e eram desalmadamente cruéis. Baseados na descrição dos seus olhos terríveis, injetados de ódio, relatada pelos que os viram de perto e conseguiram fugir, nosso povo construiu, mais tarde, máscaras de demônios, que passamos a utilizar em danças litúrgicas na esperança de afastá-los das nossas pradarias. Começariam, assim, as noções que, mais tarde, dariam origem às religiões institucionalizadas entre nós.

Essa seria a única maneira de evitá-los, pois devastavam tudo por onde passavam e nada podia detê-los. Nossas armas nada podiam contra as deles, que eram mais pesadas e mais resistentes. Nenhum dos nossos guerreiros conseguiria sequer empunhar uma delas. Segundo os relatos, eles saíam do nada e chegavam em ondas sucessivas de vândalos, destruindo tudo, até aquilo que poderia lhes servir. Pareciam destruir pelo prazer de destruir, como se estivessem enlouquecidos. Matavam as crianças, os porcos e as cabras, cortando-os ao meio, cantando e urrando. Um intérprete, que conhecia muitas línguas, disse-nos que suas canções alardeavam algo como “conquistaremos todo o mundo...”

Já havíamos sido invadidos antes por outros povos, mas nada se assemelhava a isso. Os anteriores conquistavam para cobrar tributos ou para ocupar as terras férteis e apossar-se dos celeiros repletos de cereal. Mas estes eram diferentes. Não deixavam praticamente ninguém sobreviver para pagar os tributos e queimavam os celeiros! De que sobreviveriam eles? Alguns diziam que alimentavam-se quase que exclusivamente de carne bovina e, por isso, traziam atrás dos exércitos, grandes manadas de bois e vacas. Estes eram marca-

dos a fogo nos chifres com os signos dos seus proprietários. Para ilustrar o que diziam, os migrantes mostravam alguns chifres que haviam conseguido capturar.

Convidados a alojar-se nas cercanias, onde poderiam arar a terra e construir suas cabanas, recusaram assustados e declararam que precisavam seguir imediatamente, mais e mais para o Sul.

– Os invasores avançam mais rápido do que podemos fugir! Só conseguimos sobreviver porque eles pararam para se reagrupar. Se vocês fossem previdentes fariam o mesmo que nós, abandonariam suas casas e fugiriam.

O Conselho dos Anciãos reuniu-se para decidir o que deveríamos fazer. Ninguém queria abandonar seus campos já semeados, suas cisternas cheias e suas choupanas aconche-gantes, onde residia toda a história de cada família. Entretanto, alguns, mais precavidos, tentavam elaborar algum plano de proteção, ou de fuga, ou de confirmação de que os invasores viriam na nossa direção.

As opiniões dividiam-se. Os ânimos exaltavam-se. Essa foi uma das raras vezes em que presenciei nosso povo com o semblante carregado e sem mostrar seu eterno sorriso. Finalmente, as decisões definiram-se. Um grupo resolveu que seria mais prudente enviar uma patrulha de batedores para certificar-se da invasão. O outro decidiu que os testemunhos dos refugiados eram eloqüentes e que não ficariam esperando para depois fugir em pânico, na mais completa pobreza. Era mais sábio começar a providenciar provisões, roupas e ferramentas, bem como sementes para recomeçar noutra região.

Nos dias que se seguiram, nem as crianças sorriam. Todos estavam muito preocupados e agitados. A tristeza nos dominava.

Dos vinte batedores que foram enviados para confirmar se devíamos ou não preparar-nos para o êxodo, passados trinta dias, retornaram dois. Até onde haviam prosseguido não viram nada, porém cruzaram com outro grupo de retirantes, ainda mais assustados, que confirmaram os mesmos relatos. Enquanto os outros dezoito batedores seguiram em frente, estes dois retornaram para transmitir notícias. A cada sete dias deveriam retornar mais dois para informar o Conselho dos Anciãos. No entanto, nunca mais retornou nenhum deles. Isso acelerou a decisão de um grande número de famílias sobre a necessidade de partir imediatamente.

Outros preferiram ficar, pois apropriar-se-iam legalmente das terras, casas, plantações e celeiros dos que partissem. Isso representaria uma tentadora oportunidade de enriquecimento imediato. Assim, muitos preferiram arriscar-se e permanecer na aldeia, cercando-a de altos e espessos muros de tijolos, bem como providenciando um grande estoque de flechas, lanças, adagas e outros apetrechos de combate.

O inconveniente, diziam os adeptos da partida, era o tempo requerido para erguer as muralhas. Somando-se aos trinta dias que o primeiro par de batedores levou para ir e voltar, os sete dias em que o segundo grupo deveria ter retornado e não o fez, calculava-se que haveria muito pouco tempo e que o inimigo poderia estar próximo.

A PARTIDA

Minha família foi uma das centenas que optaram por partir rumo ao Sul. Dava para perceber no ar um sentimento tão denso que quase não nos deixava respirar. Conseguimos um robusto carro de bois e quatro búfalos para tracioná-lo. Na verdade, bastaria um animal, mas os retirantes advertiram sobre a longa jornada por terrenos pedregosos, alagados ou íngremes, nos quais seria preciso um reforço. E ainda a possibilidade de perdermos um ou mais búfalos. Pensando na família, meu pai providenciara um macho e três fêmeas que poderiam dar-nos leite se faltasse alimento, e ainda havia a possibilidade de dar crias.

No carro havia de tudo. Muitos grãos que nos serviriam de alimento e também para o plantio, quando chegássemos ao nosso destino. A água não faltava nessa época do ano. Mesmo assim, levávamos uma grande quantidade, disposta em vários recipientes, pois não sabíamos como seriam as regiões pelas quais teríamos que passar. Providenciamos também cabras e aves que nos forneceria leite e ovos, além de couro e ossos para a confecção de instrumentos e utensílios. Reunimos o maior número possível de ferramentas e objetos de cobre, metal que poderia ser reutilizado ou negociado. Não possuíamos muitas armas em nossa aldeia, mas conseguimos levar conosco algumas lanças, machados

e facas. Também levávamos tecidos e peles. Cada família providenciara mais ou menos as mesmas coisas.

Na data marcada para a partida do grupo que decidira migrar, toda a aldeia se reuniu para a grande despedida. Amigos e parentes se abraçavam e desejavam boa sorte, tanto aos que partiam rumo ao desconhecido, quanto aos que ficavam na esperança de que os invasores não chegassem até aquela região. No entanto, todos sabiam que, provavelmente, nunca mais voltariam a se ver.

Nunca esquecerei a visão impressionante que era a enorme caravana com todos os tipos de carroças, animais e gente partindo em silêncio. Só ouvíamos os lamentos das rodas girando em seus eixos engraxados, o choro das crianças e os chamamentos dos animais. Os adultos não diziam nem uma palavra.

A GRANDE JORNADA

As primeiras semanas de viagem foram tranqüilas, graças aos mantimentos que levávamos e por estarmos todos ainda descansados. No entanto, à medida que o tempo passava e os animais se fatigavam, nós absorvíamos seu sofrimentos. Sempre tivemos muita identificação com nossos animais e os tratávamos quase como pessoas da família. Não queríamos vê-los tristes ou maltratados. Então, começamos a reduzir nossa marcha e descansar mais em cada acampamento. Estávamos cientes da nossa boa dianteira e não havia motivo de apuro.

Assim, lavávamos e acariciávamos nossos búfalos, dávamos a eles a melhor ração e deixávamos que descansassem o máximo possível. Graças a isso, nenhum dos nossos animais morreu. Algumas famílias que não tratavam tão bem seus animais não foram tão felizes e contaram algumas perdas.

A marcha tornou-se mais lenta à medida que os artesãos precisavam reparar os carros que iam se desgastando pela viagem em terreno acidentado.

Chegamos a uma região que não era exatamente desértica, mas era extremamente quente durante o dia. Por esse motivo, trocamos nosso turno de marcha e passamos a realizar o trajeto durante a noite. De dia acampávamos no lugar mais fresco ou arborizado que conseguíssemos encontrar. Quan-

do isso não era possível, armávamos duas ou três tendas sobrepostas para atenuar a inclemência dos raios solares.

Seu calor nunca havia nos incomodado antes, mas isso se devia, em parte, ao fato de que em nossa aldeia estávamos descontraídos e podíamos trabalhar alegremente ou deitar-nos à sombra para observar os insetos ou, ainda, banhar-nos nos riachos. Aqui, estávamos com outra disposição emocional. Encontrávamo-nos longe de casa, havia a expectativa sobre o que iria ocorrer em territórios desconhecidos. Toda essa insegurança gerava ansiedade e as mínimas coisas causavam-nos desgaste e mal-estar.

Não obstante, os mais velhos procuravam manter a melhor disposição possível e realizavam mais jogos que antes, estimulando o moral de todos. Também nos ensinavam truques de sobrevivência que nunca haviam sido tão enfatizados. E treinavam os rapazes para um eventual combate. Como não alimentávamos nenhuma esperança de vencer o confronto, nossa estratégia se baseava em confundir e retardar o inimigo, dando tempo às mulheres e crianças de empreender a fuga. Esta, dependia do terreno em que estivéssemos. Estudamos uma tática para terreno montanhoso, outra para floresta, outra para locais descampados, outra para riachos, etc.

Eu acreditava que nenhuma delas funcionaria, pois não éramos guerreiros e faltava-nos a indispensável experiência, mas isso era o melhor que podíamos fazer.

Felizmente, parece que os invasores não seguiram na nossa direção, já que, meses depois, não tínhamos nenhuma notícia a respeito. Esse fato gerou dúvida no coração de diversas famílias sobre se havia sido uma escolha acertada abandonar tudo e migrar. Havia até quem, torturado pela saudade, pen-

sasse em empreender a volta ao lar. Após uma reunião dos Anciãos que haviam acompanhado a caravana, decidiu-se encarregar um grupo de jovens voluntários da missão de voltar, saber o que se passara e retornar à caravana para informar-nos.

Enquanto isso, os demais seguiriam mais lentamente, na direção sudeste. Tomaram várias providências para que as possibilidades de um desencontro fossem mínimas e os batedores seguiram viagem.

Os meses passaram-se e o grupo de jovens não retornou. Na ausência de notícias auspiciosas, decidiu-se continuar seguindo em frente.

OUTROS POVOADOS

À medida que prosseguíamos em nossa aventura, passamos por diversos vilarejos parecidos com o nosso, alguns maiores, outros menores. Algumas vezes, tratava-se de grandes cidades, com sólidas construções, largas avenidas e saneamento como jamais havíamos visto.

Em todos os lugares por onde passávamos, descrevíamos o que os refugiados haviam nos relatado. Os habitantes dos povoados menores eram mais receptivos e levavam em conta nossas advertências. Por outro lado, os das grandes cidades pareciam muito seguros de suas muralhas e do grande número de homens disponíveis para defender suas propriedades e nelas ninguém quis dar-nos ouvidos.

Meses depois, começamos a encontrar as ossadas dos retirantes que passaram pela nossa aldeia e que empreenderam a viagem em pânico, sem víveres ou ferramentas. Era uma experiência aterradora testemunhar aquilo que poderia ser o prenúncio do nosso fim.

Para precaver-nos contra tão inglório desfecho, durante nosso deslocamento desenvolvemos a arte do comércio, por meio de trocas, comprando numa região e vendendo noutra as mercadorias que, segundo nos informavam previamente, eram as mais procuradas nas regiões que estavam na nossa rota. Dessa forma, conseguimos manter uma boa alimenta-

ção e preservar nossa saúde. E, além disso, éramos sempre bem recebidos onde chegávamos, levando o que mais necessitavam.

CHEGAMOS AO FIM DO MUNDO

Depois de viajar vários meses, chegamos ao fim do mundo! A terra acabava de repente, à beira de um rochedo, e, lá embaixo, diante de nós surgira uma imensidão de água muito azul que parecia estar querendo subir pela areia, mas sempre retrocedia. A areia, por sua vez, desenhava uma longa curva e perdia-se no horizonte. Nos limites da areia, uma cabeleira de plantas rasteiras forrava o chão macio. Uma legião de estranhas árvores de tronco comprido e nu, com umas poucas folhas enormes e largas, e uns frutos redondos cheios de uma água deliciosa, parecia montar guarda, às margens daquela imensidão azul.

Era uma paisagem lindíssima, como nunca havíamos vislumbrado. Num misto de assombro e deslumbramento, não tivemos espaço para o medo em nossas mentes. Alguns mais corajosos destacaram-se da multidão estupefata e adiantaram-se para ver de perto aquelas águas, diferentes em tudo das dos rios que conhecíamos. Num movimento inesperado, uma onda derrubou o mais afoito. Levantando-se, todo molhado, com olhar perplexo e a mão nos lábios ele balbuciava:

– É salgada! É salgada!

Todos os demais quiseram experimentar e caíram n'água. Depois de muita comemoração por termos chegado ao fim

do mundo, concluímos que teríamos que ficar por ali mesmo...

Era uma região desabitada e que parecia o paraíso. Muito mais bonita que a nossa, riquíssima em rios e cachoeiras, uma profusão de flores e vegetação como jamais havíamos visto. A terra era extraordinariamente fértil e, embora estivessemos no inverno, não fazia frio!

Pela primeira vez na longa jornada não houve hesitação. Todos decidiram que esse era o lugar ideal para terminar nossa migração. Além do mais, já estávamos todos extenuados com o deslocamento constante. Várias crianças haviam nascido nesse meio tempo, o que tornava mais difícil a viagem para todo o grupo. Não suportando as agruras da viagem, muitos idosos haviam falecido antes de passar o conhecimento para os mais novos, e isso estava pondo em risco nossas tradições pela perda do acervo cultural. Inúmeros recursos estavam começando a faltar. Assim, a decisão de fixarmo-nos ali era unânime.

Em pouco tempo, nossa nova aldeia já era tão bem urbanizada e sua população tão alegre quanto antes.

Meu pai não suportara aos rigores da viagem e acabou morrendo pouco depois que escolhemos o local para construir a nossa casa. Acho que resistiu apenas até que chegássemos a um lugar seguro para, só então, permitir-se deixar-nos.

CHEGOU A HORA DE CONSTITUIR FAMÍLIA

Assim, amadureci na nova terra. Já estava com uns dezesse-
te anos, idade de pensar em constituir família. Como era
nosso costume, a mulher é que escolhia o marido e, assim,
um dia, fui escolhido. Estava carregando um feixe de lenha
que fora buscar na floresta próxima da aldeia, quando cruzei
com uma jovem de olhos faiscantes, de uns catorze anos a-
proximadamente. Ao passar por mim ela sorriu. Cumpri-
mentei-a. Então, ela parou e me ofereceu uma fruta. No
mesmo instante comecei a escutar os pássaros chilreando
nos ramos das árvores que nos rodeavam, a clareira se en-
cheu de borboletas que voavam à nossa volta e o ar tornou-
se perfumado pelas flores multicoloridas que eu não havia
notado até então. Na verdade, tudo isso já estava ali o tempo
todo, mas o estímulo da libido proporcionou ao meu cérebro
e corpo mais reflexos e percepções sensoriais, os quais tor-
naram o mundo mais bonito. Quando dei por mim, já tínha-
mos nos sentado na relva e estávamos conversando havia
bastante tempo.

Por conversar, entenda-se a forma de comunicação do nosso
povo. Não se tratava de contato meramente verbal. Havia
toda uma riqueza de meios para desfrutar da nossa proximi-
dade. Sorrisos, sons guturais, gestos, trejeitos, olhares, to-
ques e sentimentos, formavam um delicioso amálgama de
sensações. Apesar de ambos já sermos adultos e termos tido

nossas vivências sexuais, como era de praxe, esta experiência estava sendo arrebatadora, diferente de tudo o que havíamos provado antes. Não chegamos a desencadear nenhum contato sexual propriamente dito, mas o simples roçar dos nossos ombros, aspirar a fragrância dos nossos cabelos, ouvir a melodia das nossas vozes, constituía já um estado de graça que justificava a existência!

Naquele dia, voltamos para a aldeia de mãos dadas. Nossos olhares eram tão reveladores que, todos perceberam, não se tratava dos tão comuns folguedos sensoriais da juventude. Nossos amigos notaram que éramos especiais um para o outro.

Nos dias e meses que se sucederam ao primeiro encontro, nossa convivência foi tomando corpo. Nossos ideais eram coincidentes, nossos planos para o futuro não careciam de ajustes e nossos diálogos sem fim eram divertidos e motivantes. Tínhamos um indescritível prazer em simplesmente escutar a voz do outro e compartilhávamos as formas de organizar os pensamentos, ao mesmo tempo inteligentes, espirituosos e sensíveis.

As estações se passavam, a primavera se aproximava e estava chegando o momento de assumir uma família.

Agora era preciso provar que eu poderia ser de alguma utilidade. Caso contrário, ela poderia mudar de idéia. E se isso ocorresse, seria muito difícil que outra jovem se interessasse por aquele que foi considerado um inútil.

Para tanto, havia toda uma série de cerimônias, sempre descontraídas e informais, mas que respeitavam a tradição. Um dos primeiros ritos era trançar uma corda na casa da noiva. Seus pais supervisionavam o trabalho para constatar que o

pretendido sabia fazer esse utensílio dos mais importantes. Depois, utilizando a corda, madeira e palha, era preciso construir a casa em que iriam morar. Escolhi uma localização que dava vista para o mar e na proximidade de um riacho de águas cristalinas. A mãe da noiva diariamente determinava as coordenadas de como queria a choupana. O casamento só se concretizava depois que a casa ficasse como a sogra queria. Também não havia pressa, pois como a sexualidade era uma bênção e não um pecado, o casal já mantinha relações amorosas desde que a jovem se interessara pelo rapaz. Dessa forma, segui os costumes.

MINHA MULHER

Fui aquinhoado com a mais doce das jovens. Seu olhar era profundo e tranqüilo como a lagoa em que íamos banhar-nos; sua voz, suave como o sussurrar da brisa entre as palmeiras; e a movimentação do seu corpo lembrava a leveza da borboleta flutuando no meio das flores. Seus lábios tinham a doçura do mel e seu hálito exalava o perfume das ervas do campo. Como é natural, nunca precisamos discutir e muito menos disputar. Assim, o desejo foi sempre crescente entre nós.

Apesar de muito jovem, minha futura esposa mostrava-se amadurecida e apta a desempenhar a função social e familiar que se esperava dela. Embora não manifestasse muitas aptidões domésticas, possuía uma inteligência admirável – o que, obviamente, contava muito mais – além de um pendor inquestionável para as artes, e envolveu nossa vida em poesia.

Em pouco tempo, realizamos a cerimônia que nos enlaçava e passamos a morar no chalé que havíamos construído, bem perto de uma cachoeira, cuja cantiga à noite embalava nosso sono e pela manhã nos despertava com um brado de esperança, de vida e de alegria.

Dessa forma, em pouco tempo eu já estava engajado numa vida conjugal, assumindo as obrigações que aprendera com meus pais.

Com o passar do tempo, descobri porque certos casamentos estagnam e deterioram o casal, enquanto outros, como o nosso, contribuíam para enriquecer. Um sorriso na hora certa, uma atitude de paciência quando é preciso, um conselho, um apoio, um olhar de admiração, uma palavra de incentivo, e cada qual estimula o outro a que realize, crie, trabalhe, aja, economize, invista, arrume, limpe, conserte... enfim, para que os parceiros progridam quando há uma química adequada na fusão dos dois seres em uma só alma.

Graças a esse perfeito entrosamento e ao nosso temperamento alegre, comunicativo e sociável, em pouco tempo fizemos muitos amigos que contribuíram para a estabilidade do matrimônio e tornamo-nos um dos casais mais prósperos da aldeia. Havíamos plantado uma grande variedade de vegetais comestíveis que utilizávamos para efetuar trocas com os vizinhos.

Mediante essas trocas, havíamos adquirido alguns filhotes de cabras e búfalas. Agora esses animais já estavam adultos, haviam cruzado e dado muitas crias. Com isso, precisávamos de mais terreno para manter nossos animais. Então negociamos alguns em troca de um belo lote de terra por onde passava o riacho que alimentava nossa cachoeira. Assim, podíamos garantir também a pureza da sua água. Realizamos todas essas aquisições em muito pouco tempo, antes que nascesse o nosso primeiro filho.

NASCE O PRIMEIRO REBENTO

Entre o nosso povo os partos eram fáceis, talvez porque as mulheres fizessem muito exercício trabalhando no campo, talvez por ser muito jovens ao dar à luz, talvez por termos uma alimentação bem saudável, talvez por lidarmos tão bem com a sexualidade. Talvez fosse um paradigma da nossa cultura, pois víamos como os animais faziam e era fácil para eles, logo, deveria sê-lo para nós também.

Sabíamos que entre outras tribos muitas mulheres morriam para trazer os filhos ao mundo, mas entre nós isso não ocorria.

Durante o trabalho de parto, os familiares, amigos, vizinhos, todos ficavam por perto festejando e auxiliando com palavras de estímulo e de carinho. Alguns traziam água para beber, outros, mais íntimos, massageavam com cuidado a barriga, a região pélvica, o cóccix. Contavam histórias engraçadas e a parturiente ria. Todos riam. A crença geral era a de que, se a criança pusesse a cabeça de fora e visse todo o mundo feliz e sorrindo, perceberia que o mundo é um lugar bom para se viver e reagiria mais facilmente com sorrisos do que com choros, se as coisas não corressem como ela queria.

Assim, nasceu nosso primogênito, e a cada ano mais um descendente. Era comum termos muitas crianças, já que

também era fácil morrer e todos precisávamos dos filhos para nos sustentar na velhice e na doença.

O VELHO SÁBIO

Certa manhã, fui tirar leite da nossa búfala que pastava solta perto das margens do rio. Caminhando pelo campo com os pés descalços na relva molhada pelo orvalho da noite, tão absorvido estava que passei pelo animal e segui em frente. Pouco adiante, encontrei um velho sábio sentado olhando para as águas que seguiam, sempre iguais, montanha abaixo. Cumprimentei-o e perguntei o que estava observando. O ancião me disse que estava observando seus pensamentos. Sentei-me ao seu lado e, como uma criança, sem nada questionar, comecei a fazer o mesmo. Passaram-se várias horas e lá estávamos os dois, lado a lado, sem dizer palavra, porém entendendo-nos perfeitamente bem.

Até que, em dado momento, o ancião virou-se para mim e começou a falar.

– O que você observou?

– Meus pensamentos.

– Gostou?

– Sim.

– De que natureza eram?

– De todos os tipos. Pensei nas águas, obedientes, que seguem fazendo as ondas no mesmo lugar, apesar de serem

sempre outras. Depois, pensei na nossa vida, que também é assim. Somos sempre outras e outras pessoas a nascer, crescer, trabalhar, casar... mas seguimos fazendo as mesmas coisas, sem que ninguém nos obrigue a isso. Daí, pensei nas nossas ovelhas, cabras e vacas, que também seguem fazendo as mesmas coisas desde que nascem até que morrem. E seus descendentes, continuam fazendo as mesmas coisas. Qual o sentido disso tudo?

– Você se fez essa pergunta?

– Fiz.

– E qual foi a resposta?

– Não obtive a resposta, pois meu pensamento seguiu os pássaros e mudou continuamente. Mas gostei da experiência.

– Então, volte amanhã e vamos contemplar o rio juntos outra vez.

Assim o fiz. Durante muito tempo retornei e sentei-me ao lado do ancião. Era uma relação de amor. Desde a primeira vez que o vi, senti um carinho arrebatador por aquele Mestre. Olhava-o com admiração gratuita, pois ainda não o conhecia suficientemente bem. Não sabia o universo de sapiência que ele tinha para me transmitir. Era, simplesmente, amor desinteressado, à primeira vista.

Quase sempre ficávamos calados por muito tempo. Geralmente, no final ele me fazia algumas perguntas. Depois de uns quantos meses notei que suas perguntas eram o que me permitia tomar consciência de quão profundo havia ido na viagem interior.

OS MESTRES TAMBÉM FICAM DOENTES

Um dia o ancião não apareceu para contemplar o rio. Fui até a sua morada, que ficava nas imediações e vi que ele estava enfermo. Perguntei-lhe se não tinha ninguém para cuidar dele, se não tinha mulher ou filhos. Respondeu-me com uma voz sumida que nunca teve tempo para dedicar à vida familiar, pois cada instante da sua existência fora dedicada a aprender com seu Mestre a filosofia do autoconhecimento, que proporcionava também saúde e longa vida.

– Mas você ficou doente.

– Sim, todos os animais ficam doentes e morrem um dia – respondeu-me – mas sem as práticas da minha ciência eu teria ficado doente com mais frequência e já teria morrido na idade em que morrem os demais. No entanto, ainda que minha disciplina não tivesse me proporcionado estes anos adicionais de vida, mesmo assim teria valido a pena pela lucidez que me trouxe. Nada tem mais valor do que o conhecimento – disse-me o velho.

Naquele dia não atendi minhas obrigações familiares e fiquei para cuidar do sábio. Sob suas instruções, colhi determinadas ervas que foram utilizadas de diferentes maneiras. Algumas, ele mascava. Outras, mandava que eu macerasse para aplicar sobre o peito. E outras, deixava de molho, para

que seu princípio ativo fosse absorvido pela água, a qual depois seria ingerida.

Cuidar do velho sábio foi um inestimável aprendizado de ervas medicinais, como reconhecê-las, saber para que serviam e como utilizá-las.

Assim, passou-se o tempo sem que eu percebesse, tão absorto estava nos meus afazeres. Quando me apercebi, já estava caindo o crepúsculo.

O IMPULSO DE ABANDONAR TUDO

No final da tarde o ancião ordenou que eu voltasse para minhas funções na aldeia e na família. Respondi que queria ficar cuidando dele e que pretendia seguir o mesmo caminho de dedicação ao autoconhecimento, em tempo integral, como ele fizera. Mas ele não concordou.

– Cada pessoa tem uma forma de alcançar a lucidez. Eu optei pela vida retirada porque supunha que fosse um caminho mais fácil. Isso tem algumas vantagens, tais como a tranquilidade de não ser solicitado todo o tempo por uma esposa carinhosa, pelos filhos e pelo trabalho profano. Contudo, esse estilo de vida também apresenta severas desvantagens, pois a energia criadora fica estancada e o processo evolutivo torna-se mais lento. Precisei de décadas para alcançar o nível de consciência atual. Hoje sei que se me dedicasse ao método ancestral, que não exclui a vida familiar, eu teria obtido muito mais resultados com as minhas práticas, e que teria sido mais rápido e forte.

Uma das sendas para a evolução passa pelas experiências conjugais e pelo trabalho sobre a sexualidade. Este, sem dúvida, é um sistema mais poderoso e que, desde o nosso êxodo para o Sul, está caindo no esquecimento. No devido tempo, vou iniciá-lo nessa trilha. Por hoje, quero que retorne e cuide das suas vacas e da sua família. Volte amanhã.

O QUE PERDEM OS CELIBATÁRIOS

Quando retornei, minha companheira estava encolhida num canto da nossa cabana, sentada no chão, banhada em lágrimas. Ao me ver, levantou-se num salto e num piscar de olhos atravessou a casa e atirou-se em meus braços.

– Ah! meu homem, que bom que você voltou para mim. Quando saiu pela manhã para buscar leite e não retornou até o fim do dia, pensei que lhe tivesse acontecido alguma coisa, ou que não me quisesse mais, ou... ou... – disse-me entre lágrimas e soluçando.

O perfume dos seus cabelos mesclava-se com o das suas lágrimas. Começamos a beijar-nos, a abraçar-nos fortemente e ficamos ali mesmo no chão a acariciar-nos, a nos olhar nos olhos, a expressar palavras de ternura e a sentir nossos corpos quentes de emoção. Assim permanecemos em êxtase de amor pela noite adentro e vimos nascer o sol sem sentir sono. Ambos nos conscientizamos de que foi naquele momento que o nosso casamento realmente se consumou e que nossa união de fato se consolidou.

Os raios do sol matutino penetraram nosso cantinho de amor como que a abençoar-nos. Brincamos algum tempo com as mãos e os dedos a bloquear e desbloquear a luz que acariciava nossos rostos.

Quando consegui parar para pensar no que havia ocorrido, valorizei ainda mais a mulher que tinha. É que, apesar do clima de compreensão do nosso povo, muitos vizinhos, quando se demoravam para voltar à casa, eram inquiridos pelas esposas: “Por que demorou tanto?”.

Os povoados por onde passamos eram bem variados. Até as línguas, vestes e costumes diferiam, mas os conflitos intrínsecos das pessoas em suas relações humanas parecem ser os mesmos, seja na cultura que for.

Contudo, minha companheira só queria saber que eu estava bem, que estava de volta e que continuava vivendo com ela. Nem uma pontinha de reclamação ou de azedume pela demora, só uma enxurrada de carinho que, sem dúvida, era muito mais eficiente para cativar seu companheiro. Era mesmo uma mulher inteligente. A partir desse dia, nunca mais cometia mesma desconsideração. Em vez disso, trouxe-lhe flores e frutas frescas para seu desjejum, um pequeno filhote de tartaruga, e disse-lhe que ia levá-la para conhecer o velho Mestre. Ela ficou tão eufórica que emitiu uma série de gritinhos lindos de alegria, riu bastante e deixou escorrer uma terna lágrima de felicidade no cantinho dos olhos. Como não podia deixar de acontecer, o desjejum foi regado por beijos, carícias e arrematado por um belíssimo ato de amor.

Logo que conseguimos, deixamos o chalé e fomos visitar o sábio. Nossa alegria era tanta por termos a felicidade de estar juntos, que íamos correndo, saltando e brincando pelo caminho afora, como se fôssemos duas crianças.

Quando chegamos, o Mestre já nos esperava com um sorriso nos lábios e uma fruta em cada mão, como se soubesse que eu iria levar minha mulher.

– Estas frutas são para vocês. Estão impregnadas de energia da prática que realizei pela manhã. – Só então, notamos que o sol estava a pino e que havíamos ficado a metade do dia em nosso leito a compartilhar o que tínhamos de mais precioso. Mas o Mestre não estava aborrecido com isso. Ao contrário, parecia gratificado pelos nossos semblantes que irradiavam vitalidade.

– Mestre, você não estava enfermo?

– Isso foi ontem. Você cuidou bem deste velhinho e meus exercícios contribuíram para uma recuperação mais rápida. Vamos ter uma nova estudante hoje? – Sem esperar pela resposta, passou cada braço sobre nossos ombros e conduziu-nos à caverna em que vivia.

A CASA DO MESTRE

Olhando de fora, supus que essa caverna fosse pequena, pois a entrada era acanhada e quem pretendesse entrar teria que esgueirar-se quase próximo ao chão. O lado de dentro, no entanto, era espaçoso e parecia uma casa, e mais ainda pelos utensílios muito bem dispostos, com uma arrumação impecável. Havia uma mesa com vários assentos, o que me levava a concluir que ele recebia mais gente.

Grossos armários de madeira pesada permitiam suportar o peso de uma quantidade incalculável de manuscritos em finíssimas lâminas de madeira e em pergaminho vegetal. Destes últimos, alguns estavam dobrados, outros enrolados e alguns eram deixados abertos, talvez por ser muito antigos e já não resistirem ao manuseio. Para mim, aqueles escritos eram enigmáticos, pois eu não entendia seus caracteres. Mas algo me atraía neles. Gostava da forma, da cor e do cheiro daquelas escrituras.

APRENDENDO A LER

Percebendo meu olhar para a sua biblioteca, o Mestre dirigiu-se a nós e disse:

– Vocês gostariam de aprender a ler estes símbolos?

– Sem dúvida – respondemos em uníssono – mas para que servem?

– Servem para que você possa escutar em sua mente as palavras dos sábios que nos precederam. Aquelas são escrituras dos ancestrais. Elas vieram passando de Mestre a discípulo ao longo das gerações. Ninguém sabe há quanto tempo foram elaboradas. Estes são textos de minha autoria. Aqui reuni todas as coisas que aprendi ao longo de uma vida dedicada ao conhecimento, graças ao patrimônio de ensinamentos que herdei dos mais antigos. Veja, este símbolo significa “eu”. – disse, apontando um caráter numa das escrituras. – Este outro, significa “união”.

Em pouco tempo já conseguíamos ler algumas palavras e logo compreendíamos sentenças inteiras. Achávamos fascinante que um sinal desenhado sobre uma superfície pudesse produzir um som dentro da nossa mente; e que a associação de vários desses sinais chegasse a evocar um fluxo de imagens e conceitos. E mais: que tais imagens e conceitos fossem transmitidos da mente de uma pessoa à de outra! Nunca na aldeia havíamos travado contato com esse tipo de cultura.

Às vezes topávamos com um sinete marcando alguma mercadoria, mas não nos preocupávamos com o significado dos seus caracteres. Ninguém se detinha nisso.

Os meses foram se passando e a quantidade de ensinamentos que recebíamos do Mestre tornava-se inimaginável. Era como se estivéssemos ingressando num novo universo.

Infelizmente, minha companheirinha não podia permanecer tanto tempo conosco, pois precisava cuidar da nossa plantação, dos animais e da casa. Inúmeras vezes ofereci-me para ir cuidar desses afazeres a fim de que ela pudesse ficar mais tempo com o Mestre, mas ela me tomava o rosto entre as mãos, olhava-me com uma ternura indescritível e dizia que o meu lugar era ali. Fazia-nos companhia algum tempo e depois ia-se saltitando por entre as flores, que pareciam ter algum pacto com ela, pois seus pés não as feriam.

QUANDO EU CHEGAVA EM CASA AO ENTARDECER

Às vezes eu chegava tão tarde que perdia o início do pôr-do-sol. Eu sabia o quanto era importante para a minha parceirinha aconchegarmo-nos para admirarmos o disco solar pondo-se dentro do mar. Então, quando se fazia tarde, eu corria pelo campo, pois havia prometido não deixá-la mais triste pela minha ausência. Corria, procurando fazer como ela, que não pisava nas flores.

Por mais que corresse, acabava, vez por outra, chegando quando metade do espetáculo já havia se passado.

Um dia, atrasei muito e percebi que quando chegasse o sol já se teria ido. Fiquei tão magoado de imaginar as lágrimas sentidas do meu amor que resolvi levar-lhe um presente para compensar. No caminho, havia uma colméia cheia de mel silvestre. Já havíamos aprendido que a fumaça deixava as abelhas mais preocupadas com um eventual incêndio na floresta e que, sob o fumo, elas não atacavam os intrusos. Preparei uma tocha com muitas folhas verdes e parti para a coleta do mel. Nesse dia algo deu errado. Talvez pela ansiedade em fazer tudo depressa e levar logo a oferenda àquela que era a razão da minha vida, errei na quantidade de fumaça ou não prestei atenção quando o vento mudou. O fato é que as abelhas começaram a atacar. Porém, eu não desistiria.

Não iria embora sem levar um favo de mel para aquela que tanta doçura me derramava todos os dias.

Quando cheguei em casa, com o braço estendido, o favo de mel na mão, só consegui dizer:

– Para você, paixão... – e desmaiei sob a dor de dezenas de ferroadas.

Dois dias depois, ao recobrar a consciência, minha mulher me contou que quando cheguei em casa com o favo de mel, meu rosto estava desfigurado. Permaneci um dia e uma noite com febre alta. O Mestre veio me ver e disse que talvez eu não resistisse ao veneno das abelhas devido à quantidade de picadas. Contudo, aplicou compressas e recomendou que ela não se afastasse nem por um instante, pois o amor consegue coisas que a própria ciência não sabe explicar. Os amigos iam cuidar da casa, faziam comida para nós e tratavam dos animais. Ela ficava todo o tempo falando comigo, segurando a minha mão e acariciando meu rosto.

Dessa forma, depois de dois dias, voltei à vida. E a primeira coisa que vi foi seu olhar úmido por uma lágrima de amor que rolou do seu rosto ao meu. Nunca ninguém havia me olhado daquela maneira. Jamais esquecerei seu olhar. Jamais esquecerei aquele momento. Ainda sem poder falar direito, estreitei-a entre meus braços doloridos e soluzei, do fundo da minha alma, lágrimas de gratidão e afeto.

Hoje, quando me recordo aquela cena, tenho pena dos que não puderam viver momentos assim em suas vidas.

APRENDENDO A ESCREVER

Em alguns dias eu já estava melhor e retornei ao discipulado com meu Mestre. Quando fiquei exímio na leitura, o Velho Sábio me disse:

– Filho, estou com os olhos cansados e brevemente não poderei mais escrever minhas idéias. É uma pena que nesta idade a mente esteja tão mais clara e tantos conhecimentos encontrem-se acumulados nela, mas o corpo não consiga dar vazão a tudo o que sabemos e a tudo o que poderíamos fazer com isso. Pegue o instrumento de escrita e grave o que vou lhe ditar.

Ingenuamente, agarrei o cálamo, molhei-o na tinta, como havia visto o Mestre fazer tantas vezes, e me armei para escrever. Mas... que incrível! Não conseguia traçar um signo sequer! Como isso era possível? Eu vira o Mestre escrever todos os dias e fazê-lo com tanta facilidade!

Quando olhei para ele, como quem pede socorro, percebi que torcia-se de rir com a boca e com a minha cara. Eu estava habituado com o meu povo, que ria com muita facilidade, e que achava graça de tudo e de nada, mas era hilariante a imagem daquele ancião com o rosto vermelho de tanto rir, contrastando com suas barbas brancas. Quando ele conseguiu falar alguma coisa, disse-me, ainda entre acessos de riso:

– Então, achou que era fácil? Ler é uma coisa, porém escrever é outra muito mais difícil. Cada símbolo deve ser traçado com arte e harmonia. É preciso respeitar o som. O som é sagrado. – E, dizendo essas palavras, apontou para um lagarto que estava a alguns metros de distância. Enquanto eu olhava o réptil, o Mestre emitiu um som grave e longo. O lagarto levantou a cabeça, olhou para nós e fugiu em disparada.

– O que foi isso, Mestre?

– Isso foi para você constatar o poder do som. Mais tarde vou-lhe ensinar sons para acalmar os animais e sons para afastá-los; sons para adormecer e para despertar; sons para curar e para matar; sons para produzir a concentração mental e outros para despertar energias adormecidas dentro de você. Esta é parte da minha ciência. O verbo é um grande poder que está à nossa disposição. Mesmo as palavras que usamos para falar têm uma grande força. Tudo o que nossa civilização construiu e realizou, partiu da palavra, pronunciada ou mentalizada. Antes de construir sua cabana, você disse “Vou construir uma casa”. Foi assim que sua habitação começou a existir. Por isso, é preciso respeitar as palavras, escrevê-las corretamente e grafá-las com a harmonia das linhas de força que constituem cada símbolo gráfico. Hoje você vai começar a aprender essa arte, a arte da caligrafia. – E prosseguiu:

– As culturas mais primitivas não têm escrita. Outras, menos primitivas possuem a escrita, contudo seu traçado é grotesco. À medida que o ser humano aprimora-se culturalmente ele passa a realizar todas as ações de uma forma mais sutil, mais elaborada, mais sofisticada. Desde a arrumação da sua

casa, dos seus trajes, a organização dos seus movimentos, a expressão fisionômica, a fala e a escrita, tudo torna-se mais harmonioso, delicado e bem acabado.

O FABRICO DO INSTRUMENTO DE ESCRITA

– Primeiramente, você precisa aprender a fabricar o instrumento de escrita. Tome uma vareta de bambu tenro. Corte-o entre dois nós, no tamanho adequado, que é o de um palmo. Depois, aponte e chanfre uma das extremidades. Deixe-o secar bem num lugar ventilado, sob a luz do dia, mas ao abrigo do sol. Quando ficar bem seco estará pronto para o uso – disse-me.

Treinei semanas até que conseguisse fazer uma ponta que o Mestre aprovasse. Passava os dias cortando e apontando varretas de bambu. Por mais que eu achasse que já estavam perfeitas, meu preceptor encontrava um defeito imperceptível para os meus olhos. E ele ainda dizia que os *seus* olhos é que estavam cansados! Como eu fizesse cara de quem não compreendia o que estava errado, ele molhava a ponta na tinta e me mostrava que tipo de traçado saía dali. Então, eu me convencia. Estava mesmo uma porcaria.

Quando consegui acertar a elaboração do instrumento, ele passou a me ensinar o fabrico da tinta. Primeiro tínhamos que nos embrenhar no mato para encontrar umas frutinhas negras. Depois, era preciso selecionar somente as que estivessem bem maduras e que tingiam nossas mãos ao colhê-las. Era necessário recolher uma grande quantidade. Em seguida, deixá-las numa estufa feita de madeira e couro, colo-

cada sob o sol durante alguns dias. Então, eram retiradas, fervidas e coadas em tela fina. Aí, misturava-se cuidadosamente uma pequena quantidade de óleo vegetal e pó de uma pedra vermelha que havia sido esfarelada com o malho e, a seguir, moída durante dias em moinho de pedra.

Para obter-se o pó suficientemente fino, o Mestre pegava o pó conseguido com o moinho e derramava-o de um recipiente para outro, levantando poeira, e soprava de leve, levando as partículas menores a ficar em suspensão no ar e deslocarem-se para um outro recipiente que ficava atrás. Repetia essa operação várias vezes. Somente esse pó impalpável era utilizado, mas o processo para obtê-lo levava dias. Depois de adicionar o pó mineral, agora era a vez de misturar um pouco de água, aquecer moderadamente e mexer muito bem, até que a mistura ficasse extremamente homogênea e líquida. No final, a mistura era filtrada numa lâmina de pedra porosa para retirar qualquer impureza. Mas quando a tinta ficava pronta, compensava. Ela produzia uma linha delicada, de contorno preciso, de cor negra-avermelhada e que, depois de seca, resistia à água.

O FABRICO DO “PAPEL”

Agora, era preciso fabricar a folha sobre a qual a tinta seria usada. O Mestre me disse que essa era a parte mais difícil, pois construir o instrumento de escrita e produzir a tinta, era uma questão apenas de saber que materiais usar e de aprender a fazê-los. Porém, para produzir a folha era necessário possuir uma ferramenta especial de cobre, capaz de cortar uma finíssima superfície de madeira macia. Depois de incontáveis tentativas, e já quase desistindo, contei com a complacência do Mestre, que concordou que usássemos uma lâmina de madeira não muito fina, nem bem contornada. Ela saía curva pela ação da ferramenta de corte. Então, era preciso prensá-la entre duas pedras polidas como a superfície das águas tranqüilas do lago. A lâmina de madeira era colocada sobre a primeira. Sobre ela, era pousada a outra, com cuidado para que não quebrasse. Em seguida, o conjunto era deixado sob o sol vários dias, até secar a lâmina de madeira. Quando ela era retirada, estava mais fina e compacta.

Perguntei ao Mestre o motivo pelo qual nós fabricávamos aquelas lâminas, se ele possuía manuscritos em pergaminho vegetal.

– O pergaminho vegetal é muito caro. Na nossa aldeia ninguém sabe como fabricá-lo. Ele é feito por outro povo e

vem de longe. Só usamos o pergaminho vegetal para textos importantes e para escrituras extensas, que precisam ser registradas em muitas folhas, o que com as lâminas de madeira ocuparia espaço excessivo.

– Mestre, você já pensou em outras alternativas de superfícies para a escrita?

– Quando eu era jovem considerei essa possibilidade. Conheci povos que gravam sobre pedra ou sobre tábuas de argila. Têm a vantagem de ser duráveis. O fogo não queima, a água não destrói, o tempo não corrompe. Mas, para nós, essas soluções são inviáveis. Eu não teria força para transportar minha biblioteca. E você já imaginou se tivéssemos que empreender outro êxodo? Teríamos que deixar para trás toda a nossa cultura escrita!

Diante desses argumentos, não questionei mais. Eu também não gostaria de ter que ajudá-lo a arrumar uma biblioteca tão pesada...

A PRIMEIRA CRISE DE DESÂNIMO

Dali para a frente, passei a exercer a função de escriba. Minha mão doía terrivelmente depois de passar algumas horas escrevendo. Eu queria sair dali correndo e voltar a usufruir das campinas, dos montes, dos rios, do mar. Sentia-me confinado, preso mesmo, naquele espaço limitado, ao qual não estava habituado. Apesar de nossas meditações às margens do grande rio e de uma ou outra atividade ao ar livre, com o tempo eu ia sendo requisitado, mais e mais, a trabalhar dentro da gruta.

Por vezes, o Mestre estava falando comigo, mas meu pensamento vagava pela mata e pelas cachoeiras, sob o sol da manhã. Meu corpo daria tudo para poder estar lá fora, na natureza. Contudo, minha dedicação ao Mestre e minha paixão por aqueles estudos seguravam-me dentro da caverna. Na verdade, permaneceria até mais tempo se preciso fosse, uma vez que eu queria aquele conhecimento. Pouco a pouco, fui me acostumando a essa nova vida, de menos lazer e mais responsabilidades, porém travando um convívio fascinante com a sabedoria.

Certo dia, confidenciei ao Mestre minha angústia por permanecer tanto tempo enclausurado num ambiente fechado. Não que fosse tão pequeno, mas com o tempo parecia limitante. Então, o Velho Sábio perguntou-me:

– Você seria capaz de abdicar de todos os demais prazeres, passeios e folguedos nas praias, rios e cachoeiras se isso fosse necessário para continuar dedicando-se aos nossos estudos?

Sem hesitar, respondi firmemente que sim. Então, disse-me:

– Mova aquele armário de escrituras lá no fundo.

Arrastando o armário, encontrei uma passagem.

– Entre – disse-me.

Ao entrar, fiquei paralisado de deslumbre. Existia um outro salão imenso, de teto incrivelmente alto e paredes fosforescentes. Havia até um riacho subterrâneo e uma piscina natural. Lá dentro, uma quantidade de outras escrituras, algumas armazenadas em nichos escavados no arenito e outras guardadas em ânforas de cerâmica lacradas para evitar os possíveis insetos e a umidade.

Notando meu deleite, o Mestre disse com satisfação:

– Sei que não se compara com os campos abertos e banhados pelo sol. Mas, tudo o que não pudermos estudar às margens do rio, passaremos a fazê-lo aqui.

Assim, passei os anos seguintes estudando, meditando e praticando as técnicas do Velho Mestre.

O MOMENTO DA MATURIDADE

Um dia, voltando para casa, encontrei minha mulher em prantos, aplicando compressas sobre a perna do nosso filho. Corri para acudi-la.

– O que foi? O que foi? – perguntei angustiado.

– Nosso filho mais novo foi picado por uma serpente quando catava gravetos para acender o fogo.

– O Velho Sábio deve ter uma medicina para isso – respondi, enquanto acariciava-lhe a testa. Em seguida, corri até a caverna do Mestre. Ele, solícito, agarrou uma ânfora, algumas ataduras, uma lâmina e correu comigo para a aldeia. Mas quando lá chegamos, era tarde. O menino havia expirado.

Minha mulher já não chorava. A maioria do nosso povo só chorava enquanto a pessoa estava sofrendo. No momento em que deixava de sofrer, os familiares geralmente paravam de chorar e permaneciam quietos por um longo tempo. Tinham o hábito de permanecer longamente abraçados com o ente querido que jazia sem vida.

Nossa gente via a morte com naturalidade, pois convivíamos com a realidade da natureza que nos rodeava e os animais morriam o tempo todo. As pessoas também não viviam mui-

to e os falecimentos eram freqüentes. Mas a tristeza da perda, essa era inevitável.

Não ficávamos nos perguntando “por quê?” nem manifestávamos surtos de revolta, amargor ou descrença por causa da morte de alguém, contudo, sofriamos a sua falta.

Abracei minha mulher e meu filho. O Mestre nos abraçou a todos. Ficamos assim por muito tempo, consolando-nos mutuamente e sendo consolados pelo Sábio.

A essa altura, outras pessoas da aldeia já haviam sido informadas e aproximavam-se para ofertar sua solidariedade. Finalmente, levantamo-nos, aceitamos uma bebida quente e escutamos algumas palavras de carinho dos Anciãos. O Mestre afastara-se e ficara muito quieto à distância.

Algumas horas depois os mais velhos nos disseram que era tempo de nos despedirmos do nosso filho e que ele seria preparado para retornar aos elementos. Embora outros povos com que travamos contato, adotassem formas diferentes de tratar os mortos, na nossa aldeia enterrávamos seus corpos. Assim, o pequenino corpo foi envolvido em tecidos bonitos e delicados. Depois, por fora, outros mais resistentes e grossos. Muitas ervas aromáticas foram espalhadas na cova. Seu corpo foi levado com cuidado até o fundo. Depois, a terra cobriu aquele pequeno ser, agora imóvel e sem vida.

QUEM SOU? DE ONDE VENHO? PARA ONDE VOU?

Aceitávamos os fatos da natureza. Não cogitávamos de vida eterna nem de reencarnação. Ficávamos tristes por algum tempo, mas depois íamos voltando aos nossos afazeres e à nossa maneira de ser, o mais rápido possível. E logo estávamos novamente felizes. Além do mais, havia as outras crianças para cuidar.

Por outro lado, os mais velhos iam cuidando dos irmãos mais novos. Dessa forma, as tarefas eram compartilhadas e não sobrecarregavam os pais.

A essa altura, tomamos consciência de que já não éramos jovens para ter outros filhos. Tínhamos bem mais de 20 anos de idade e certamente iríamos morrer antes de criá-los. Então, passamos a nos dedicar quase que exclusivamente ao serviço do Mestre e à aquisição do Conhecimento.

Devido à morte do nosso filho, o interesse que manifestávamos era iminentemente pelos processos curativos. Inconscientemente, estávamos interessados em salvar a vida de alguma outra criança que eventualmente fosse picada por serpente.

Contudo, o Mestre, pacientemente, explicou-nos que havia coisas mais importantes que a medicina e que esta era muito falha. Que a verdadeira sabedoria não consistia em, mera-

mente, curar uma enfermidade ou tentar salvar o corpo do seu destino inexorável.

– Todos temos que morrer de alguma coisa – disse-nos. Podemos evitar aquilo que depender de nós, mas há outras ocorrências que não dependem da nossa vontade ou dos nossos conhecimentos e esforços. Vicissitudes ocorrem o tempo todo e há bem pouco o que os seres humanos possam fazer para furtar-se a elas. Então, a solução está numa dimensão mais elevada. Não está em conseguir sempre evitá-las, mas em como encará-las e como reagir a elas. Não se trata de aceitá-las passivamente, mas de localizar sua consciência num patamar em que possamos enxergar todas essas coisas do alto, e não mais da nossa perspectiva pessoal, da nossa pequenez egóica.

Confesso que não compreendi nada. Do pouco que entendi, tive a petulância de discordar. Afinal, tratava-se da *minha* vida, da *minha* família, dos *meus* filhos, da *minha* dor...

O Mestre passou alguns meses ensinando-nos a medicina dos antigos. A cada erva, raiz, seiva, resina, folha, casca de árvore, o Mestre incutia conceitos filosóficos. A cada emplastro, compressa, infusão, cocção, ele insuflava noções indutoras ao autoconhecimento. Assim, pouco a pouco, foi-nos direcionando para uma área de sabedoria na qual lhe interessava mais que nos aprofundássemos e foi-nos afastando do cultivo utilitário das terapias. Em pouco tempo estávamos liberados dos nossos mundinhos e começávamos a divisar um universo fascinante de concepções novas, de percepções extra-sensoriais e de estados de consciência superiores, dadores de uma lucidez indescritível. A isso dedica-

mos toda a nossa vida, bem como a retransmitir esse Conhecimento.

OS PODERES DO MESTRE

Quando o Mestre falava, dáva-nos a impressão de estar lendo um daqueles vetustos manuscritos, pela linguagem precisa e impecável, exalando conhecimento a cada sílaba. O timbre com que expunha sua locução conferia mais dignidade e magnificência a cada frase. Seu olhar e fisionomia emolduravam as sentenças. Sua gesticulação sacralizava e enobrecia o ensinamento, compondo com o todo uma *mis-en-scène* competentemente pedagógica. Ficávamos horas a fio escutando suas histórias, parábolas, abstrações teóricas ou simples técnicas bem concretas.

Muitas vezes, no meio da preleção, queríamos fazer uma pergunta e estávamos só esperando a oportunidade de interrompê-lo para pedir um esclarecimento – mas o Mestre respondia à nossa dúvida como se estivesse lendo o que se passava em nossas mentes... E, fora das aulas, quantas vezes contou uma parábola ou disse-nos uma frase que era exatamente o que estávamos precisando ouvir naquele momento!

– Será que um dia seremos como ele? – Perguntávamo-nos.

Certa noite, o Sábio chamou-nos a um canto especial da caverna que era adornado com madeiras aromáticas, formando um portal. O limo já se insinuava por entre pedra e pau, dando origem a nuances de brilho diferentes das dos materiais sem vitalidade.

O simples sentar-nos ali já gerou um indescritível bem-estar. O Mestre aproximou-se com um ar grave, quebrado apenas por um discreto sorriso, estendeu os braços e apoiou as mãos sobre nossas cabeças. Imediatamente um calor interno tomou conta dos nossos corpos. Uma forte vibração começou a estremecer a base da nossa coluna vertebral. Primeiramente o períneo reagiu com um calor intenso e com contrações musculares involuntárias. Em seguida, essa sensação ascendeu, pulsando, pelo centro da coluna vertebral, e sentimos uma pressão agradável dentro de nossos crânios. Parecia que o sangue subira todo pela espinha até à cabeça. Sentimo-nos tremer e transpirar sob seu poderoso toque. A sensação era muito boa e agora envolvia todo o corpo. Quando demos por nós, estávamos derramando copiosas lágrimas de júbilo espontâneo, inexplicável.

– O que houve? – perguntamos ao Mestre. – Por que estamos sentindo isto?

O Mestre, espantando um vagalume que se acomodara na sua testa, sentou-se ao nosso lado e explicou.

– Acabo de transmitir a vocês a Força dos Sábios que me precederam. Assim como uma chama acende a outra chama, esta Força vem sendo transmitida de Mestre a discípulo desde a origem dos tempos. Com esta energia, vocês estarão aptos a preparar outros jovens para perpetuar estes ensinamentos para as gerações vindouras.

A partir daquele momento, nossos vínculos ficaram muito mais fortes. Havia como que uma identificação entre nós.

Com o passar do tempo o Mestre passou a nos catalizar estados de consciência expandida, o que proporcionava percepções de sabedoria e autoconhecimento como jamais ha-

víamos experimentado. Em conseqüência, surgiam paranormalidades que nos maravilhavam.

– Mestre, se estes poderes brotam em nós, que somos meros estudantes, ao vivenciar tais estados de consciência, por que você nunca havia nos mostrado os seus próprios poderes?

– Os poderes não são para ser demonstrados. São meras conseqüências das metamorfoses biológicas que os exercícios estão produzindo em nossos corpos. Conferir importância demais a essas faculdades deriva a atenção do praticante, desviando-a do que é verdadeiramente importante, divergindo-a para o que constitui mero efeito colateral.

– Então, isso significa que não devemos utilizar nossos poderes?

– Podem utilizá-los com naturalidade. Contudo, não devem exibi-los.

Assim, a partir desse momento, passamos a utilizar nossas paranormalidades, mas com discrição.

O DESPERTAR DOS PODERES EM NÓS

Quando começamos a andar, somos desajeitados e trôpegos. Assim, também ocorre com as faculdades recém-adquiridas, no início não tínhamos muita habilidade para administrá-las. Às vezes aplicávamos muita energia para produzir um efeito insignificante para o que, em termos de custo/benefício, teria sido mais conveniente usar as mãos ou outra ferramenta qualquer do que as paranormalidades.

O Mestre nos admoestava:

– Guardem a Força para usá-la somente quando for realmente necessário. Aprendam a refreá-la nas circunstâncias em que for possível aplicar outra solução.

Mais uma vez, ele respondera antes que conseguíssemos perguntar. Íamos justamente questionar o fato e dizer que não era de propósito. Ocorria um impulso natural de reagir com as novas aptidões que tinham sido despertadas. Mas, então, faríamos um esforço para manobrar essas energias a fim de não desperdiçá-las onde não fossem imprescindíveis.

Como sempre, tempos depois compreendemos a extensão dessa advertência do Mestre. Mesmo nas melhores aldeias da nossa etnia, podiam ocorrer casos esporádicos de comportamentos menos elogiáveis. Certo dia, um aldeão manifestou uma incontida inveja pelo fato de que nós, a esta altu-

ra, trabalhávamos muito pouco, mas havíamos conseguido organizar a vida e a família de forma a que não nos faltasse conforto. De fato, tornáramo-nos uma das famílias mais ricas da aldeia. Nossos investimentos na compra de terras, no plantio e na reprodução de cabras e bovinos, ao longo dos anos, estavam dando o inevitável fruto.

Por aplicar os conhecimentos adquiridos do Mestre, desenvolvêramos uma intuição muito refinada para tratar de negócios. Por outro lado, utilizando uma alimentação melhor, que o Velho Sábio nos ensinara, nossos filhos cresceram mais fortes e, com isso, só morreram dois da nossa prole. Graças a esse fato, dispúnhamos de mais mão-de-obra na família, o que, por sua vez, contribuía para o nosso sucesso econômico.

Em vista disso tudo, o aldeão invejoso começou a espalhar comentários maldosos: “Esses dois vivem na caverna com o Velho Sábio, fazendo nada, enquanto nós temos que ficar aqui de sol a sol trabalhando na lavoura. No final, eles possuem mais do que nós. E seus filhos não adoecem, nem morrem como os nossos. Só pode ser magia negra que eles aprenderam com o Mestre. Se eu fosse você não me aproximaria dessa gente. Seria bom não visitá-los e não convidá-los para nada. Eles são perigosos, têm parte com os demônios das profundezas da terra.”

Pouco tempo depois que o invejoso começou a perpetrar suas maledicências, uma praga destruiu sua lavoura; seus animais morreram; um dos filhos sofreu um acidente com a foice, e o ferimento gangrenou. Em pouco tempo a coisa evoluiu de tal forma que sua mulher passou a atribuir todas essas perdas às atitudes do cônjuge, e o abandonou. Logo

depois, casou-se justamente com um vizinho de quem o fuxiqueiro não gostava. Sua saúde, talvez em consequência desses fatos, ficou muito débil e diversos problemas sérios começaram a surgir.

O infeliz foi procurar o médico da aldeia, um ancião que havia se dedicado somente à vertente terapêutica do Conhecimento. Como esse ancião também detinha a sapiência dos anos de vida e da profissão que exercia, depois de estudar o caso atentamente, após muitas idas e vindas, e tentativas infrutíferas para reverter os sintomas, concluiu que talvez seus infortúnios tivessem alguma relação com a campanha desencadeada pelo consulente contra os discípulos do Velho Mestre.

– É possível que você não saiba, mas os que se dedicam de corpo e alma ao Conhecimento ficam protegidos contra os que oprimem contra eles. São defendidos pelo Poder Gregário acumulado por milhares de gerações. A Lei Universal, para preservá-los, destrói quem os ataca. Por que você não vai falar com eles?

No estado de espírito em que estava, o fuxiqueiro não tinha mais para quem apelar. Empobrecido, doente, com o moral arrasado, a auto-estima no chão, abriu mão do orgulho e veio ter conosco. Expôs detalhadamente sua situação. Pediu perdão e suplicou que retirássemos a maldição. Explicamos que não havia maldição alguma, mas ele não acreditava. Procuramos fazê-lo entender que o mecanismo era outro:

– Meu amigo, nosso princípio ético é o de nunca rebater o ódio com o ódio, pois, se assim o fizéssemos, entraríamos em sintonia com a fonte emissora desse sentimento pesado e ele nos atingiria. Nós não fizemos nada contra você e não

lhe queremos mal. O que ocorreu foi que somos protegidos contra qualquer vibração maléfica, pois temos uma missão a cumprir e precisamos ser preservados. Quando alguém lança contra nós uma ação, palavra ou pensamento destrutivo, tal atitude resvala na nossa proteção e volta contra o agressor. Não somos nós que o fazemos e nem sequer tomamos conhecimento do ocorrido. Você é quem precisa desfazer o que havia obrado contra nós. O que podemos fazer por você é mentalizar para que as conseqüências dos seus atos sejam atenuadas. Mas, na verdade, está tudo nas suas mãos.

E assim foi. Mentalizamos muita saúde e felicidade para o difamador. Ele também se ajudou, buscando compensar o mal que havia semeado. Pouco a pouco as coisas foram melhorando para ele. No entanto, o que ele já havia perdido, perdido estava.

Consultando o Mestre para saber se também neste caso tínhamos alguma responsabilidade de controlar os poderes, um peso foi retirado dos nossos ombros.

– Não, meus filhos. Neste caso não foi a sua paranormalidade que causou aquelas ocorrências. O efeito de reação foi desencadeado pelo próprio desafortunado senhor que atacou quem está protegido. Por mais que não queiramos fazer mal a ninguém, não podemos impedir que, muitas vezes, as pessoas menos educadas façam mal a si mesmas.

Depois de uma pequena pausa como para marcar bem que iria abordar outra questão, continuou:

– Tenho percebido que, com o passar do tempo, vocês foram se tornando pessoas mais austeras e estão perdendo a doçura e a poesia. Nossa filosofia não recomenda isso. Sei que hoje estão mais velhos e têm todas as responsabilidades

das pessoas de sua idade, contudo devem preservar o mesmo frescor e entusiasmo da juventude.

A HERANÇA DO MESTRE

Passados alguns anos, o Sábio, já bem velho, chamou-nos ao seu leito, segurou-nos as mãos e disse que era chegada a sua hora.

– Cuidem bem desta Cultura. Não deixem que se perca. Assumam, como sua grande missão, transmiti-la às próximas gerações. Não permitam que seus discípulos modifiquem coisa alguma, nem que adaptem, nem que simplifiquem. É seu dever sagrado empenhar todos os esforços para que daqui a milhares de anos, nosso ensinamento esteja ainda puro e íntegro, sendo outorgado àqueles que tiverem mérito para receber a Iniciação. Que o Grande Poder Cósmico os abençoe.

E, dizendo estas palavras, expirou. Pareceu-nos perceber algo como um som grave, um baque surdo que sacudiu toda a caverna. Quase instantaneamente surgiu uma diáfana luminescência que deu-nos a perceber a presença de uma legião de Mestres Ancestrais voltando seu olhar para nós. Por trás e acima de todos eles havia um que estava envolto num círculo de fogo, cuja luz era o que iluminava o ambiente e que emanava dele para envolver a todos os demais, inclusive a nós. Fomos invadidos por um enorme sentimento de paz e felicidade. Foi tudo muito rápido, mas com a noção de tem-

po alterada, pudemos observar e sentir cada impressão de forma bem marcante.

Como num relâmpago demorado, aos poucos a percepção daquela luminosidade foi desaparecendo. Contudo, a sensação de presença dos Mestres Ancestrais ao nosso lado, permaneceu.

Naquele momento sentimos como se sua força cumulativa tivesse sido passada para nós. Nós que, a esta altura já éramos anciões, estávamos herdando sua caverna, sua biblioteca e sua gloriosa missão. Certamente, em breve um jovem especial, diferente dos demais, iria procurar-nos, cativado pelas mesmas propostas que nos fascinaram. Poderíamos, então, cumprir nosso gratificante destino, preservando o Grande Conhecimento que constituía um importante patrimônio cultural da Humanidade.

Nesta breve história o autor pôde perceber que à medida que os personagens iam tornando-se mais maduros, o próprio relato ficava mais austero, independentemente da vontade de quem o escrevia. Observamos também, a *posteriori*, a redução progressiva do ego na redação, sendo o *eu* gradualmente substituído pelo *nós*.

POSFÁCIO

Não podemos declarar que este relato termina aqui. Mais lembranças poderão ocorrer nos próximos anos. Se assim for, edições posteriores hão de contar com um texto adicional. Esperemos que assim seja.

LIVROS DO MESTRE DeROSE

FAÇA YÔGA ANTES QUE VOCÊ PRECISE (SWÁSTHYA YÔGA SHÁSTRA): É considerada a mais completa obra do mundo em toda a História do Yôga. Contém 32 mantras em sânscrito, 100 mudrás do hinduísmo (gestos reflexológicos) com suas ilustrações, 27 kriyás clássicos (atividades de purificação das mucosas), 54 exercícios de concentração e meditação, 58 pránáyámas tradicionais (exercícios respiratórios), 2.000 ásanas (técnicas corporais) com mais de 3.000 ilustrações. Capítulos sobre karma, kundaliní (as paranormalidades), samádhi (o autoconhecimento) e Tantra (a sexualidade sacralizada). E ainda um capítulo de alimentação e outro de orientação para o dia-a-dia do praticante de Yôga (como despertar, a meditação matinal, o banho, o jejum, o trabalho diário, etc.). Disponível em disquete (Word 6 for Windows); e também em livro traduzido para o castelhano.

YÔGA, MITOS E VERDADES: A mais importante obra do Mestre DeRose. Contém uma quantidade inimaginável de informações úteis sobre: História, mensagens, poesia, mistério, Tantra, vivências, percepções, viagens à Índia, revelações inéditas, experiência de vida, crônicas e episódios bem humorados. Contém testemunhos sobre a história do Yôga no Brasil registrados por um dos últimos professores ainda vivos que presenciaram os fatos para não deixá-los cair no esquecimento. Diferente de todos os livros já escritos sobre Yôga, é leitura indispensável para o praticante ou instrutor. É o livro mais relevante do Swásthya Yôga. Ninguém deve deixar de lê-lo.

TUDO O QUE VOCÊ NUNCA QUIS SABER SOBRE YÔGA: O título provocativo e bem humorado sugere a leveza da leitura. Foi estruturado em perguntas e respostas para esclarecer aquelas questões que todo o mundo quer saber, mas nunca nem imaginou formular por não ter alguém confiável a quem perguntar. “Será que estou praticando um Yôga autêntico ou estarei comprando gato por lebre? Meu instrutor será uma pessoa séria ou estou sendo enganado por um charlatão? O que é o Yôga, para que serve, qual sua origem, qual a proposta original, quando surgiu, onde surgiu, a quem se destina? Há alguma restrição alimentar ou da sexualidade? Será uma espécie de ginástica, terapia, religião?” **Tudo sobre Yôga** indica uma vasta literatura de apoio, ensina como escolher um bom livro, como aproveitar melhor a leitura, e inclui documentação bibliográfica discriminada, de forma que as opiniões defendidas possam ser confirmadas em outras obras. Orienta inclusive para a formação de instrutores de Yôga e é livro-texto da Primeira Universidade de Yôga do Brasil.

YÔGA SÚTRA DE PÁTANJALI: Nova edição da obra clássica mais traduzida e comentada no mundo inteiro. Recomendável para estudiosos que queiram ampliar sua cultura em 360 graus. Depois de 20 anos de viagens à Índia, o Mestre DeRose revisou e aumentou seu livro publicado inicialmente em 1980. Sendo uma obra erudita, todo estudioso de Yôga deve possuí-lo. É indispensável para compreender o Yôga Clássico e todas as demais modalidades.

MENSAGENS DO YÔGA: Este é um livro que reúne as mensagens mais inspiradas que foram escritas pelo Mestre DeRose em momentos de enlevo durante sua trajetória como preceptor e mentor desta filosofia iniciática. Aqui compilamos todas

elas para que os admiradores dessa modalidade de ensinamento possam deleitar-se com a força do verbo. É interessante como o coração realmente fala mais alto. O Mestre DeRose tem doze livros publicados, leciona Yôga desde 1960 e ministra o Curso de Formação de Instrutores de Yôga em praticamente todas as Universidades Federais, Estaduais e Católicas do Brasil há mais de 20 anos. No entanto, muita gente só compreendeu o ensinamento do Mestre DeRose quando leu suas mensagens. Elas têm o poder de catalisar a força interior de quem as lê e desencadear um processo de modificação do karma através da potencialização da **vontade** e do **amor**.

VIAGENS À ÍNDIA DOS YÔGIS: Relatos de vinte anos de viagens do Mestre DeRose àquele país, para nós, tão misterioso. O país mais invadido da História, suas montanhas geladas, seus desertos escaldantes, seus yôgis, sua comida, suas ruínas, seus mosteiros, seu povo com tantas religiões e etnias. A sabedoria oriental, as paranormalidades, os homens santos e os mágicos de rua.

PROGRAMA DO CURSO BÁSICO DE YÔGA: Contém todo o programa do **Seminário de Preparação ao Curso de Formação de Instrutores de Yôga**. Esse curso pode ser feito por qualquer pessoa que queira conhecer o Yôga mais profundamente e é especialmente recomendado aos que já lecionam ou pretendam lecionar. Também disponível em vídeo.

BOAS MANEIRAS NO YÔGA: Bons modos são fundamentais para todos. Nós que não comemos carnes, não tomamos vinho e não fumamos, como deveremos nos comportar num jantar, numa recepção, numa visita ou quando formos hospedados? Você já está educado o bastante para representar bem o Yôga? E, refinado o suficiente para ser instrutor de Yôga ou Diretor de Entidade? Qual a relação entre Mestre e Discípulo? Algumas curiosidades da etiqueta hindu. Nosso Código de Ética.

EU ME LEMBRO...: Poesia, romance, filosofia. Este livro tem um pouco de cada. Como o autor muito bem colocou no Prefácio, este livro não tem a pretensão de estar relatando fatos reais ou percepções de outras existências. Ele preferiu rotular a obra como ficção, a fim de reduzir o atrito com o bom-senso, já que há coisas que não se podem explicar. No entanto, é uma possibilidade no mínimo curiosa, que o Mestre DeRose assim o tenha feito pelo seu proverbial cuidado em não estimular misticismo em seus leitores, mas que trate-se de lembranças de eventos verídicos do período dravídico, guardados no mais profundo do inconsciente coletivo.

A REGULAMENTAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE YÔGA: Este livro reúne a história da luta pela regulamentação da nossa categoria, desde 1978, quando o Mestre DeRose apresentou a primeira proposta. Contém documentos úteis para a proteção dos profissionais da área, o texto e as emendas do novo projeto de Lei, 4680 de 2.001, relatórios das reuniões com as opiniões e o registro histórico das reações das pessoas a favor ou contra a regulamentação, o depoimento das conseqüências se o Yôga for encampado pela Ed. Física, a fogueira das vaidades dos “professores” de “yôga”, relatos dramáticos e outros hilariantes dessa campanha.

ENCONTRO COM O MESTRE: Esta ficção relata a surrealista experiência do encontro entre o jovem DeRose, com 18 anos de idade e o Mestre DeRose com 58 anos. O jovem candidata-se à prática do Swásthya Yôga e é recusado pelo velho Mestre. O que resulta daí é um diálogo com debates filosóficos, éticos e iniciáticos,

envolvendo temas como: o vil metal, a reencarnação, o espiritualismo, o radicalismo, meditação, sexo, a multiplicidade de mestres e escolas pelas quais o menino passara, etc. O final apresenta uma surpresa inusitada que a maioria não vai notar, mas os que tiverem estudado os demais livros vão descobrir... se prestarem muita atenção!

PENSAMENTOS DO YÔGA: Este livro foi escrito pelo Mestre DeRose aos 18 anos de idade e estava inédito até agora. Em 1962 chamava-se **As Setenta e Sete Chaves**, por apresentar 77 máximas. Algumas são sérias, outras são engraçadas; umas são cáusticas, outras doces; umas são leves e outras filosoficamente muito profundas; algumas delas só poderão ser compreendidas no seu sentido hermético se forem lidas por pessoas com iniciação maçônica ou similar. Naquela época o único exemplar que existia era usado, pelo próprio autor, como conselheiro para o dia-a-dia. Ele se concentrava sobre uma questão que desejasse consultar, e abria o livro numa página aleatoriamente. Lia e meditava sobre o pensamento e sua relação com a questão. Muitas vezes o resultado era surpreendente.

ALIMENTAÇÃO VEGETARIANA – CHEGA DE ABOBRINHA!: A maior parte dos livros sobre vegetarianismo peca por preocupar-se em demonstrar que a alimentação vegetariana é nutritiva e até curativa, mas relega o sabor a um sétimo subplano do baixo astral. Este livro não quer provar que você pode sobreviver sendo vegetariano, pois as evidências estão aí: um bilhão de hindus, todos os cristãos adventistas do mundo e todos os praticantes de Swâsthya Yôga (hoje, já mais de um milhão só no Brasil). O livro apresenta unicamente receitas de-li-ci-o-sas, para você adotar o vegetarianismo sem que a sua família nem sequer perceba que os pratos não têm carne e, ainda, incrementando muito o paladar, o refinamento e a sofisticação culinária.

GUIA DO INSTRUTOR DE YÔGA: É o único livro no mundo escrito especialmente para instrutores de Yôga. Orienta sobre como montar um núcleo, como legalizá-lo, como administrá-lo. Contém textos de várias leis que regem essa profissão e que os advogados e contadores desconhecem. Como se habilitar legalmente, como tornar seu ideal economicamente viável, como organizar cursos, como ascender na hierarquia da profissão e chegar a presidente de uma Federação ou a representante da Universidade Internacional de Yôga na sua cidade.

HIPER ORGASMO: Esta obra disserta sobre o Tantra, a única via de aprimoramento físico e espiritual através do prazer, tradição secreta da Índia antiga que começa a ser desvendada pelo Ocidente. Aborda a questão da sexualidade de forma natural, compreensível, a um só tempo técnica e poética. Ensina exercícios e conceitos que otimizam a performance e o prazer dos praticantes, independentemente de idade, canalizando a energia sexual para a melhor qualidade de vida, saúde, criatividade, produtividade profissional, sensibilidade artística, rendimento nos esportes, autocohecimento e evolução interior. **Hiper Orgasmo** ensina como conseguir uma relação erótica com a duração de três horas ou mais; como transformar uma vida conjugal acomodada e já sem atrativos em uma experiência plena de remotivação e alegria de viver; como vivenciar o hiper orgasmo, um estado inebriante de hiperestesia sensorial que nenhuma droga externa seria capaz de proporcionar, mas somente obtível pelas drogas endógenas, segregadas pelo próprio corpo, com suas endorfinas. E ainda introduz a proposta de alcançar elevados níveis de aperfeiçoamento interior a partir do prazer!